

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

EMILENE ABADIA DA SILVA

UM OLHAR SOBRE O PROJETO PÉ DE MOLEQUE
NO WEBDOCUMENTÁRIO – PÉ DE MOLEQUE: O DESTINO NA PONTA DOS PÉS

UBERLÂNDIA

2019

EMILENE ABADIA DA SILVA

UM OLHAR SOBRE O PROJETO PÉ DE MOLEQUE
NO WEBDOCUMENTÁRIO – PÉ DE MOLEQUE: O DESTINO NA PONTA DOS PÉS

Relatório Técnico-Científico do webdocumentário apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Área de concentração: Tecnologias e Interfaces da Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mirna Tonus

UBERLÂNDIA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586o Silva, Emilene Abadia da, 1976-
2019 Um olhar sobre o projeto Pé de moleque [recurso eletrônico] : no
webdocumentário - Pé de moleque : o destino na ponta dos pés /
Emilene Abadia da Silva. - 2019.

Orientador: Mirna Tonus.

Relatório (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação
e Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.959>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

Produto webdocumentário: Pé de moleque: o destino na ponta dos
pés. Disponível em: www.projetopedemoleque.art.br

1. Educação. 2. Projetos de desenvolvimento social - Dança. 3.
Projeto Pé de Moleque (Uberlândia- MG) - Webdocumentário. 4. Sites
da Web - Webdocumentário. I. Tonus, Mirna, 1968-, (Orient.) II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Tecnologias, Comunicação e Educação. III. Título.

CDU: 37

EMILENE ABADIA DA SILVA

UM OLHAR SOBRE O PROJETO PÉ DE MOLEQUE
NO WEBDOCUMENTÁRIO – PÉ DE MOLEQUE: O DESTINO NA PONTA DOS PÉS

Relatório Técnico-Científico do webdocumentário apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação.

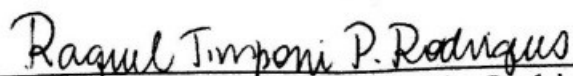
Uberlândia, 25 de fevereiro de 2019.



Prof. Dra. Mirna Tonus (UFU)

Participação por Webconferência

Prof. Dra. Rita de Cássia Romeiro Paulino



Prof. Raquel Timponi Pereira Rodrigues

RESUMO

Este relatório técnico-científico acompanha o webdocumentário Pé de Moleque: O destino na ponta dos pés. Um produto desenvolvido para a conclusão do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, como exigência para obtenção do título de Mestre. O webdocumentário pode ser navegado no site www.projetopedemoleque.art.br. E este relatório tem a proposta de refletir sobre o webdocumentário na prática, mostrando algumas dúvidas e descobertas que surgem ao conhecer a teoria e partir para a produção de uma obra documental para a web. Esse gênero é razoavelmente novo. São pouco mais de 15 anos de discussão do tema, assim, as formas de fazer têm evoluído e o conceito também acompanha esse caminho. No Brasil, a produção não é tão extensa, considerando um levantamento de similares, mas a teoria já é explorada em alguns livros, artigos e dissertações de mestrado e teses de doutorado. Um dos pontos que geram dúvida a quem está produzindo é se aquele produto realmente é um webdocumentário ou um site contando a história do objeto escolhido. Diante disso, a proposta, neste relatório, é mostrar como o webdocumentário sobre um projeto social de dança foi pensado e executado bem como refletir sobre as características que marcam o gênero em termos de produção. Além de sugerir o webdocumentário como ferramenta para instituições do campo do ativismo se comunicar com a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE – Webdocumentário; interatividade; comunicação; projeto social; dança;

ABSTRACT

This technical-scientific report accompanies the webdocumentary Pé de Moleque: The destiny on tiptoe. A product developed for the completion of the Postgraduate Program in Technologies, Communication and Education, as a requirement to obtain the Master's degree. The webdocumentary can be browsed at www.projetopedemoleque.art.br . And this report has the proposal to reflect on the webdocumentary in practice, showing some doubts and discoveries that arise when knowing the theory and starting for the production of a documentary work for the web. This genre is fairly new. They are little more than 15 years of discussion of the theme, thus, the ways of doing have evolved and the concept also follows this path. In Brazil, the production is not so extensive, considering a similar survey, but the theory is already explored in some books, articles and dissertations and doctoral theses. One of the points that generate doubt to who is producing is if that product really is a webdocumentary or a website telling the history of the chosen object. Therefore, the proposal in this report is to show how the webdocumentary about a social dance project was thought and executed as well as reflect on the characteristics that mark the genre in terms of production. In addition to suggesting the webdocumentary as a tool for institutions in the field of activism to communicate with society.

KEYWORDS - Webdocumentary; interactivity; Communication; social project; dance;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Captura de tela do canal - Gente servindo gente.....	37
Figura 2 - Página de vídeos da GloboPlay – Programa Como será?.....	38
Figura 3 - Captura da tela da reportagem exibida pela TV Universitária UFU.....	39
Figura 4 - Captura da tela da reportagem exibida pela Band TV	40
Figura 5 - João Victor Percilio na abertura do webdocumentário	42
Figura 6 - Home do webdocumentário	43
Figura 7 - Exemplo de lettering usado no webdocumentário	45
Figura 8 - Thiago Vinícius da Silva no depoimento para o webdocumentário	48
Figura 9 - Daniel Robert no depoimento para o webdocumentário	49
Figura 10 - Victhor Hudson e João Victor Percilio no depoimento para o webdoc	49
Figura 11 - Pais que deram depoimento para o webdocumentário	49
Figura 12 - Guiomar Boaventura em depoimento para o webdocumentário	50
Figura 13 - Murilo quando dançava e atualmente em depoimento para o webdoc	52
Figura 14 - Fotografias de Pollyana quando dançava e ao se formar	53
Figura 15 - Hadriel Diniz, Victor Caixeta, Wicthor Hugo e Welton Lucena	54
Figura 16 – Tela de formulário do site Domínio Registro.com.....	55
Figura 17 - Opções para hospedagem de sites.....	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Produção científica (Intercom) – 2010-2017	19
Quadro 2 – Produção científica (Periódicos) – 2013-2017	19
Quadro 3 – Produção científica (Portal Capes) – 2013-2017	20
Quadro 4 – Produção científica (Banco de Teses da Capes)	22
Quadro 5 – Webdocumentários por área do conhecimento	22
Quadro 6 – Produção científica (Teses e Dissertações) sobre interatividade	23
Quadro 7 – Produção científica sobre interatividade por área do conhecimento (2016)	23

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BG	BackGround
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FIT	Faculdades Integradas do Triângulo
GIPTele	Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo
Icasu	Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia
Intercom	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LabProJor - JOR	Laboratório de Suporte e Desenvolvimento de Produtos Jornalísticos
Nephi-Jor	Núcleo de Estudos e Produção Hipermídia Aplicados ao Jornalismo
Objethos	Observatório da Ética Jornalística
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OOSC	Iniciativa Global Out of School Children
PR	Universidade Positivo, em Curitiba
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UBI	Universidade da Beira Interior
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UIS	Instituto de Estatística da UNESCO
Unicamp	Universidade Federal de Campinas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	8
1.1	Memorial Acadêmico	8
1.2	Temática	12
1.3	Objeto: Projeto Pé de Moleque	15
1.4	Objetivos	16
1.5	Público-alvo	16
1.6	Estrutura do relatório	16
2	JUSTIFICATIVA	17
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
3.1	Levantamento bibliográfico	18
3.1.1	<i>Como o assunto vem sendo abordado</i>	20
3.1.2	<i>Os principais autores que vêm discutindo o assunto no Brasil</i>	21
3.1.3	<i>As principais referências para abordar o tema</i>	21
3.1.4	<i>Estado da arte</i>	22
3.1.4.1	Webdocumentário	22
3.1.4.2	Interatividade	23
3.1.4.3	Documentário interativo	24
3.2	O documentário e a interatividade	24
3.3	A narrativa transmídia	26
3.4	O webdocumentário e algumas definições	27
3.5	Webdocumentário e as formas de interação e navegação	30
3.6	A comunicação dos projetos sociais	31
3.7	O webdocumentário como caminho para a divulgação de projetos sociais	33
4	MEMORIAL DESCRITIVO – A CONSTRUÇÃO DO WEBDOC	36
4.1	O tema	36
4.2	Material de referência	37
4.2.1	<i>Gente Servindo Gente – Guiomar e Daniel</i>	37
4.2.2	<i>Projeto Pé de Moleque – Como Será?</i>	38
4.2.3	<i>Projeto Pé de Moleque – TV Universitária – 03/02/2017</i>	39
4.2.4	<i>Projeto Pé de Moleque - Reportagem da Band TV</i>	40
4.4	Desenvolvimento do Conceito	41
4.4.1	<i>A metáfora que deu origem ao produto</i>	41

4.4.2	<i>A abertura</i>	42
4.4.3	<i>Por onde navegar</i>	43
4.4.4	<i>A definição dos ícones</i>	44
5	DA PRODUÇÃO AO SET DE GRAVAÇÃO	45
5.1	Produção	46
5.2	Depoimentos	46
5.2.1	<i>Bailarinos que atuam no exterior</i>	47
5.2.2	<i>Bailarinos que ainda atuam em Uberlândia</i>	48
5.2.3	<i>Os pais</i>	50
5.2.4	<i>Guiomar Boaventura</i>	50
5.2.5	<i>Depoimentos ex-bailarinos</i>	51
5.2.6	<i>Outros bailarinos pelo mundo</i>	53
5.3	Edição dos textos e vídeos	54
5.4	Criação de site	55
6	EXEQUIBILIDADE E APLICABILIDADE	57
6.1	Distribuição de etapas no período de 2018/2019	59
6.2	Custo	60
	REFERÊNCIAS	62
	APÊNDICE A - Transcrição da entrevista com Guiomar Boaventura	60
	APÊNDICE B - Roteiro de edição e transcrição dos depoimentos dos bailarinos, pais e Guiomar	75
	APÊNDICE C - Entrevista com ex-bailarinos	84
	APÊNDICE D – Print de algumas telas do Webdocumentário	87

1 APRESENTAÇÃO

Neste capítulo, serão apresentados o memorial acadêmico da autora deste relatório, a temática, o público-alvo e elementos para que se possa entender o motivo da escolha do tema e do objeto de pesquisa.

1.1 Memorial acadêmico

Para chegar ao que pesquisei para obtenção do título de Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação, é preciso voltar um pouco no tempo e esclarecer quem sou e o que me trouxe até aqui, no ano de 2019. Sou Emilene Abadia da Silva, que nasceu no dia 27 de março de 1976, na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais. Emilene por inspiração da minha mãe no nome de uma personagem de uma novela da década de 1970 e Abadia pela fé dos meus pais em Nossa Senhora da Abadia. Filha de um caminhoneiro e uma costureira que tiveram o início da vida conjugal na Zona Rural de Canápolis, cidade do Pontal do Triângulo Mineiro, onde viveram os primeiros seis anos de casamento. A mais velha de três irmãs, todas casadas e morando em Uberlândia atualmente. A convivência em família é uma das marcas mais fortes na minha criação, sendo que mesmo hoje, depois de 43 anos de vida, ainda participo de pelo menos um grande encontro anual com a presença de quatro gerações. Iniciei a pré-escola aos seis anos em uma instituição particular de Uberlândia que foi fechada há alguns anos e fui alfabetizada pelo sistema silábico na tradicional cartilha *Caminho Suave*. Os oito anos de estudos do ensino básico e os três do colegial foram em três escolas estaduais. Nos anos de ensino básico, participei ativamente dos eventos extracurriculares nas escolas, como atividades culturais e esportivas. Naquela época, algumas escolas estaduais tinham no currículo a língua francesa em vez do inglês e por três anos estudei o francês. Sempre gostei de ler e escrever “composições”, como eram chamadas as redações. A língua portuguesa sempre foi uma facilidade, como outras disciplinas da área de Ciências Humanas. Em alguns momentos participei da criação e desenvolvimento de jornais escolares, era a Comunicação que já me atraía de alguma forma.

Paralelamente ao ensino regular, estudei balé dos 10 aos 18 anos, o que me possibilitou várias experiências e premiações em festivais de dança, como um terceiro lugar no Festival de Dança de Joinville, na década de 1990, um dos maiores da América Latina

ainda hoje. Experiências também em conhecer outros estados e outras culturas dentro do Brasil, quando ainda era bem jovem.

Como sempre tive jeito com crianças e em Minas Gerais, na década de 1990, podíamos optar também pelo ensino profissionalizante, no segundo e terceiro ano do colegial, dediquei-me ao Magistério. A vontade era ser professora e levar às crianças o gosto pelos estudos porque, para mim, a educação é o meio para se formar homens e mulheres melhores e a sala de aula sempre foi uma paixão.

Minha vida profissional sempre esteve entre a Dança, Comunicação e a Educação. O balé me trouxe o primeiro emprego. Fui professora na escola em que aprendi a dançar, mas chegou um momento em que a renda com as aulas não era suficiente e eu já estava terminando o Magistério. Fiz meu estágio em uma escola estadual, mas, no fim, aos 17 anos acabei fundando, com outras três sócias, uma escola infantil que atendia do maternal à pré-escola, no Bairro Brasil em Uberlândia. Pouco tempo depois ficamos em duas sócias e trabalhamos cerca de três anos. Além da administração da escola trabalhei alfabetizando até prestar o vestibular para Letras, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e para Comunicação com habilitação em Jornalismo na antiga instituição Faculdades Integradas do Triângulo (FIT) que depois passou a Centro Universitário do Triângulo (Unitri). Passei nas duas sendo direto na Faculdade particular e na segunda chamada da UFU. Deveria ter feito as duas, mas, como precisava trabalhar, escolhi uma, aquela que mais me encantava como meio de fazer algo pela sociedade. Aquela que me dava a possibilidade de contar histórias e participar das transformações do Brasil: o Jornalismo. Visão romântica que carrego ainda hoje.

Nessa mesma época, passei na seleção para ser instrutora de uma escola de informática para crianças de três a 14 anos, a Computertots, passando depois a Coordenadora Pedagógica. Chegando à metade da faculdade de Jornalismo, optei por iniciar o estágio e ingressei de vez na Comunicação. Fui estagiária na TV Universitária, e na Diretoria de Comunicação da UFU, na Rádio Cultura AM e FM, Jornal Correio e TV Integração.

Ao término do curso de Comunicação com habilitação em Jornalismo fui contratada como repórter no Jornal Correio e produtora na TV Integração dos telejornais MGTV primeira e segunda edição. Trabalhei como repórter do Jornal Correio durante dois anos, mas saí porque os horários de saída de um e entrada no outro ficaram incompatíveis. Na TV Integração estou há quase 20 anos. Entrei como estagiária em 1998 e fui contratada em 2000. Nesse tempo, passei por várias funções como produção, edição, apresentação e tive um

programa de Cultura e Entretenimento por três anos: o Revista Semanal. Durante esse tempo participei de vários treinamentos de liderança proporcionados pela emissora. A formação me levou à oportunidade de assumir mais uma função, gerente do jornalismo de Uberlândia. Tive contato também com o atendimento aos telejornais e programas da Rede Globo sendo editora de rede por cerca de dois anos. E, por isso, passei por vários treinamentos na Globo Rio e São Paulo. Além do trabalho com a Rede, nesse período, fui responsável também pela direção, produção e edição de vários especiais como o Rio Paranaíba, Rio São Francisco, o primeiro da emissora e de TVs do interior de Minas Gerais em HD e o Globo Repórter de 50 anos da TV Integração. Além de muitas retrospectivas exibidas como programas especiais nos fins de ano. Participei da implantação do Globo Esporte.com site de notícias esportivas da TV Integração sendo coordenadora, editora e repórter durante um ano. E da coordenação de vários eventos esportivos ao vivo como provas de Mountain Bike, Natação, partidas de Basquete e Futsal.

Hoje ocupo a função de Gerente de Relacionamento com a Rede Globo. Coordeno as equipes das cinco emissoras que atendem os telejornais e programas de Rede e edito as reportagens de Uberlândia e Patos de Minas feitas para estes telejornais. Recentemente estive no primeiro Encontro Nacional de Produtores dos Telejornais de Rede e a cada dois anos é feito um treinamento geral, normalmente de dois dias, para atualização de práticas e experiências da Globo.

Paralelamente à carreira de jornalista nunca deixei de lado o gosto pela sala de aula, entre 2009 e 2011 fui professora no curso de Jornalismo da Faculdade Católica em Uberlândia. Lecionei disciplinas voltadas para a produção de textos e eventos ao vivo.

Sobre a graduação, cursei Comunicação Social - habilitação em Jornalismo na Fit/Unitri. Foram quatro anos de faculdade. Para conclusão do curso na época era feito um relatório de pesquisa e o trabalho prático que consistia em uma revista, um telejornal e um programa de rádio, tudo sobre o mesmo tema. Trabalhei o tema *Itamar Franco e a Moratória*. Fizemos uma análise de como Itamar, então governador de Minas Gerais, foi tratado pelo Jornal Estado de Minas e pela Folha de São Paulo. Comparamos tudo que foi trabalhado sobre o tema nos dois jornais em um recorte de tempo específico.

Fiz pós-graduação em Docência no Ensino Superior pela Universidade Federal de Uberlândia e em Gestão em Comunicação e Marketing pelo IPG/USP. Esse último o Instituto de Pós-graduação de Uberlândia que tinha parceria com a Universidade Estadual de São Paulo. Os professores eram da instituição paulista e vinham todo fim de semana para as aulas

durante um ano. Para a conclusão também fiz um TCC em um grupo com quatro pessoas. Estudamos a marca *Toda hora* de sucos, de Uberlândia. Analisamos os produtos que eles tinham no mercado e ao fim propusemos à empresa mudanças na linha de produção e o lançamento de um novo sabor de suco.

Ao lembrar minha trajetória até aqui fiquei tentando identificar qual a minha matriz de pesquisadora. O que me leva a continuar estudando e enfrentando cada trabalho de conclusão de curso. Em cada um deles, qual foi o meu ponto de partida? Até aqui posso afirmar que tenho duas inquietações constantes e as duas me movem e me definem. A primeira a importância da Comunicação e da Educação na formação do cidadão e a segunda a distância entre o Mercado e a Academia. Sempre quis fazer parte dos dois mundos, por isso não deixo de estudar e pesquisar sempre que possível.

E quando penso nas pesquisas que desenvolvi até aqui, recordo que cada uma delas partiu de um saber já estabelecido, de um conjunto de hipóteses e em cima desse saber tentei propor algo novo, sempre seguindo um método. Então, mesmo sem pensar, intuitivamente já seguia uma metodologia.

Acredito então que chego mais perto do racionalismo-crítico de Imre Lakatos. Exatamente pelo que ele trabalha na metodologia dos programas de pesquisa. Como citado por Silveira (1996), no método de retransmissão de Lakatos, temos um núcleo duro e em volta dele um cinturão de conceitos protetores. E ficar atacando o cinturão pode acabar destruindo este núcleo firme. Bombardeado até que surja outro núcleo duro. É o que vejo nas minhas últimas pesquisas. Cada objeto de pesquisa foi reconhecido e estudado. As observações geraram especulações, mais estudos e a partir disso foi criado um conhecimento novo. Como no primeiro que desenvolvi, ainda na conclusão da Graduação. Quando pesquisei com outros colegas como o então governador de Minas Gerais Itamar Franco era tratado pelos jornais Estado de Minas e Folha de São Paulo, durante a Moratória em Minas Gerais, já tínhamos um conjunto de hipóteses e a partir delas observamos, pesquisamos, analisamos e comprovamos algumas. Citando Silveira (1996) novamente, ao discorrer sobre Lakatos, ele reforça que um programa de pesquisa pode ser caracterizado pelo seu núcleo firme, uma teoria que normalmente é aceita provisoriamente. E que depois pode ser confirmada ou refutada. Sempre com pressupostos que norteiam a pesquisa.

Os dados sensoriais somente adquirem significado quando interpretados. A observação e a interpretação estão indissolavelmente ligadas [...]. O conhecimento científico é uma construção humana que intenciona descrever, compreender e agir sobre a realidade. Não podendo ser dado como

indubitavelmente verdadeiro, é provisório e sujeito a reformulações (SILVEIRA, 1996, p. 227).

As pesquisas futuras seguiram a mesma linha, sempre partindo de um conhecimento base e depois trabalhando teorias auxiliares, chamadas por Lakatos de cinturão protetor. Para Lakatos (1989) o cinturão protetor é constituído por hipóteses e teorias auxiliares sobre cuja base se estabelecem as condições iniciais. As inquietações e estudos me levaram à uma graduação e duas pós-graduações. Chego então ao Mestrado, que não por acaso é profissional e interdisciplinar. Seguindo o que venho me propondo desde o início: transitar entre o Mercado e a Academia, entre a Educação e a Comunicação. Até aqui não tive artigos publicados, mas produzi, editei, dirigi e coordenei vários especiais para a TV Integração, entre eles um Globo Repórter Regional e participei de algumas bancas na Universidade Federal de Uberlândia e na Unetri, instituição particular, o que mais uma vez me coloca transitando entre a Academia e o Mercado. Nestes dois anos do Mestrado, tive a oportunidade de relembrar algumas correntes filosóficas, de refletir sobre o Saber e a Ciência e de conhecer mais sobre monitoramento e análise de mídias sociais. Iniciei a pesquisa sobre webdocumentários e desenvolvi um produto que conta a história do meu objeto que é o projeto Pé de Moleque, da Academia Vórtice de dança.

1.2 Temática

Aos olhos do mundo, a Comunicação e a Tecnologia têm passado por grandes transformações nas últimas décadas. As possibilidades de interação aumentam na mesma proporção em que diminui a quantidade de aparelhos para a realização de várias atividades. Rádio, relógio, TV, telefone, máquina fotográfica, máquina de cartão de crédito, livros e tantas outras possibilidades hoje se resumem em um único dispositivo, o celular.

A maioria dos estudiosos acredita que se vive hoje uma etapa de transformação da sociedade industrial em uma sociedade pós-industrial, tecnocrônica, informacional, sobre dois eixos fundamentais e estritamente relacionados: as novas comunicações integradas, multimídias e interativas, e, a engenharia do conhecimento (SANTOS, 2003, p. 1).

E, na sociedade da informação, com a tecnologia convergindo em um único dispositivo, o consumidor, leitor, telespectador, cidadão, ser humano, também passa por

mudanças de comportamento. As mídias sociais¹ se tornam palco para discussões, relacionamentos e exposição de ideias. Conforme Recuero (2009), todas essas interações representam formas de Comunicação mediadas pelo computador. São milhares de pessoas interagindo e dividindo a vida em momentos off-line e on-line. E essa ‘realidade virtual’ tem muito mais do que apenas possibilidades de construção de laços sociais ou ser um grande fórum para debates. É também o fim da privacidade e início de um espaço para a exposição da vida, dos interesses e dos desejos de quem acessa as mídias sociais. Basta uma pesquisa sobre algum tema ou produto em uma mídia social para que o sujeito comece a receber sugestões de outros produtos e serviços na mesma linha ou de similares. É o cotidiano em muitas telas, sendo traduzido em dados, cores e gráficos. Conforme Manovich (2004 p. 135), “com os computadores podemos visualizar maiores conjuntos de dados, criar visualizações dinâmicas. E essa necessidade nos faz chegar ao conceito de metamídia, uma ressignificação da mídia. Ou uma mistura entre cultura e computadores”.

O fato de que hoje a metamídia esteja no centro da cultura eletrônica não é por acaso. A lógica da metamídia ajusta-se bem a outros paradigmas-chave estéticos atuais – a remixagem de conteúdos culturais anteriores e formas de uma determinada mídia, e o segundo tipo de remixagem – o das tradições culturais de nações agora submersas no meio da globalização (MANOVICH, 2004, p. 137).

Tradições culturais vão sendo traduzidas ou explicadas com mais recursos gráficos ou com uma estrutura artística que também retrata a evolução desta sociedade da informação. Já não é possível a sociedade seguir seu curso histórico sem o apoio de dispositivos multimídia ou de representações que usem a metamídia. A geração que chega ao mundo agora já nasce conhecendo representações e ferramentas que trabalham todos os sentidos até mesmo naquelas incorporadas a sua cultura. São os filhos de uma sociedade cibernética. Conforme Manovich (2004, p. 139), “talvez o mais importante desafio é como representar a experiência pessoal subjetiva de uma pessoa que vive numa sociedade cibernética”.

Por mais que as novas mídias sejam estudadas, cada ser é único em sua existência, essência e nem sempre consegue mostrar toda a sua multidimensionalidade e subjetividade. O que dificulta representar a realidade de cada um. Talvez uma falha dessas representações e que ainda mereça atenção sejam algumas representações padronizadas que esquecem a

¹ Mídia Social é diferente de Redes Sociais. Um grupo em uma sala, por exemplo, forma uma rede social. O grupo, no Facebook, é uma rede social. As redes sociais envolvem relações humanas e as mídias são mediadas, o Face é uma mídia social. Explicação da professora doutora Mirna Tonus, durante a disciplina de *Monitoramento e Análise de Mídias Sociais* do do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia. Turma 2017.

singularidade de cada um. O que é arte para alguns pode não fazer o menor sentido para outros. Por isso, os estudos ainda precisam avançar mais no sentido de desvendar o ser humano e seus gostos pessoais. O certo é que as novas mídias se tornaram um ambiente de interação, conversação e espaço para notícias.

Depois do ferro, do carvão, do aço e do petróleo, a partir de 1960, os circuitos eletrônicos favorecendo a televisão, o telefone e o computador, em seguida, a partir de 1990, a internet, marcando uma real ruptura; e por fim, prevista desde 1999 (sem evidentemente que se trate da explosão da bolha da nova economia logo em seguida), uma nova ruptura em 2005 qualificada de sociedade do saber (MIÈGE, 2009, p. 31).

O fato é que o cidadão desta sociedade do saber não se contenta em apenas receber a notícia. Há muito ele não é mais um receptor passivo durante a comunicação. De todos os lados entre os comunicadores, há uma necessidade de se expressar, opinar, compartilhar, se movimentar no mundo das mídias sociais. Um compartilhamento que chama atenção também das empresas. O ciberespaço é cada vez mais um local onde é possível vivenciar várias experiências, de comprar, de se projetar. Compartilhar é uma atividade cada dia mais comum.

À medida que as pessoas prosseguem em sua própria programação no compartilhamento e na discussão do conteúdo de mídia, eles estão ajudando a espalhar as sementes, ou seja, estão transformando commodities em dons, textos em recursos e asseverando sua própria capacidade de ampliação da comunicação (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 353).

Esse intenso uso da Internet e as facilidades cada vez mais incorporadas aos dispositivos móveis têm mudado também a forma de registrar a história. É cada vez mais fácil e barato ter acesso a máquinas fotográficas, celulares, câmeras e outros dispositivos que captam imagens em alta definição. Por isso, além das mídias sociais, o cidadão da sociedade da informação que é influenciado pela cibercultura também grava pequenas histórias e compartilha pela Internet, armazena informação na “nuvem” e vê suas gravações ganharem o mundo. Os documentários também são influenciados e as possibilidades de narrativas com base em vários meios digitais e a forma de interagir com elas, em multiplataformas, faz surgir os webdocumentários. Conforme Oliveira e Varasquim (2016, p. 168), o webdocumentário surge da união de uma narrativa documental com o meio digital. E, como é um produto típico do ambiente *online*, abraça temas característicos da cultura digital como a interatividade.

Essa reflexão levou a questões que nortearam o desenvolvimento do produto final descrito neste relatório:

Como o webdocumentário pode ser utilizado para divulgação de projetos sociais para serem patrocinados por instituições públicas e privadas? Quais características do webdocumentário facilitam a comunicação e apresentação dessas instituições?

Como protótipo da proposta com que se pretende responder a esse problema, foi desenvolvido um webdocumentário que conta a história do projeto Pé de Moleque, fundado pela bailarina, coreógrafa, professora de balé e diretora do Grupo Vórtice, que atua na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, Guiomar Boaventura.

Das questões destacadas, surgiu a necessidade de buscar as definições sobre o que é um webdocumentário, abordar as diferenças entre o documentário e o webdocumentário, as principais características do webdocumentário, se ele é multimídia ou transmídia, em que plataforma ele deve ficar e se seria uma boa ferramenta para instituições e projetos sociais divulgarem seus trabalhos, o que compõe a fundamentação teórica, parte deste relatório.

1.3 O objeto: Projeto Pé de Moleque

O *Pé de Moleque* é um projeto social do Grupo Vórtice, uma escola de balé com sede em Uberlândia, que tem como diretora a bailarina e coreógrafa Guiomar Boaventura. O projeto nasceu em 1997, quando ela recebeu o pedido de um aluno para atender crianças da Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia (Icasu). O atendimento às crianças dessa instituição durou pouco tempo, mas um dos meninos, Welton Lucena, chamou a atenção de Guiomar Boaventura. Ela conta que todos se encantavam porque ele tinha muita alegria quando entrava em cena. E em todas as competições a que ela o levou pelo Brasil ele venceu. Depois ele se mudou para São Paulo para tentar uma carreira profissional e de lá atualmente está na Argentina. Welton Lucena foi o primeiro dos cerca de quatro mil meninos e meninas que passaram pelo Pé de Moleque nos últimos 20 anos.

Depois da parceria com a Icasu, que acabou terminando, Guiomar começou a ser procurada por outras pessoas e instituições para fazerem parte do projeto e ela começou a fazer audições para selecionar uma quantidade de crianças a cada ano. Uma exigência para participação no projeto é que as crianças estivessem matriculadas na escola. O projeto formou não só bailarinos, mas também outros profissionais que não seguiram a carreira no palco, mas tiveram um incentivo para estudar e buscar outros caminhos e profissões.

Hoje, Guiomar Boaventura² tem bailarinos do projeto nas melhores escolas de balé do mundo. São bailarinos jovens, com pouco tempo de carreira e que chegaram a posições de destaque no mundo da dança.

1.4 Objetivos

A realização do webdocumentário proposto teve dois objetivos: o primeiro deles foi registrar formalmente a história do projeto Pé de Moleque, que tem pouco mais de 20 anos e nenhum registro oficial do início, desenvolvimento e legado; o segundo, ser uma fonte de pesquisa e conhecimento para os possíveis patrocinadores, seja da iniciativa pública ou privada. Em tempos de mídias sociais e de cidadãos conectados, é uma forma de o projeto ter vida no mundo digital.

1.5 Público-alvo

O público-alvo do webdocumentário são, em primeiro lugar, as famílias e os bailarinos que fazem parte do projeto ou do Grupo Vórtice, dirigido por Guiomar Boaventura e onde nasceu o Pé de Moleque. Além deles, a comunidade do mundo da dança e qualquer um que se interesse em conhecer iniciativas para o desenvolvimento de crianças e jovens além de empresários interessados em patrocinar projetos como esse.

1.6 Estrutura do relatório

Este relatório mostra os bastidores da construção do webdocumentário: **Pé de Moleque: o destino na ponta dos pés**. Além da apresentação, é dividido nas seções justificativa, fundamentação teórica, informações técnicas sobre as etapas de desenvolvimento do webdocumentário, métodos, relato do desenvolvimento, exequibilidade e aplicabilidade. Dentro do relato do desenvolvimento, estarão as etapas de desenvolvimento conceitual, produção, gravações, escolha do grafismo, compra da hospedagem e desenvolvimento do site.

² Cf. a entrevista completa com Guiomar Boaventura no Apêndice A.

2 JUSTIFICATIVA

Ao pensar nos porquês do produto, é importante primeiro dizer porque webdocumentário. Abordar webdoc é a oportunidade de dar mais um passo nos estudos sobre o tema e detalhar um pouco mais os passos para o ‘fazer’ um webdocumentário, já que muito do que é encontrado sobre esse tipo de produção fica mais na teoria ou analisa trabalhos já executados. Academicamente, este trabalho é importante por revelar na prática o passo a passo para se chegar a um webdocumentário.

Além disso, usar o webdoc como recurso para contar a história de projetos sociais mostra que ele pode ser uma ferramenta de divulgação e de aproximação com a comunidade e possíveis parceiros da iniciativa pública ou privada. Uma forma de levar ao mercado a importância de ações e projetos que ajudam no desenvolvimento de pessoas que não teriam uma chance tão grande de mudança na vida sem eles.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica partiu inicialmente de estudos e pesquisas para a construção do relatório de qualificação. Foram importantes os encontros com a orientadora Mirna Tonus, as disciplinas do programa do Mestrado, com indicações bibliográficas dos docentes, a troca de experiências com os discentes e as observações da banca de qualificação. Logo depois foi preciso destacar a arte de documentar, descrevendo rapidamente o que é um documentário, como esta narrativa evoluiu e chegou à web, além de esclarecer se webdocumentário poderia ser um documentário feito para internet. Estes são alguns dos assuntos deste capítulo, que discute também conceitos sobre interatividade e narrativas transmídia. Além disso, este capítulo mostra como o webdocumentário pode ser útil na divulgação dos trabalhos de projetos sociais.

3.1 Levantamento bibliográfico

Para a pesquisa teórico-conceitual, foram selecionados cinco descritores, palavras-chave que fazem referência ao tema estudado, que foram pesquisados em um portal de eventos acadêmicos e em dois de periódicos. Além destes, o descritor webdocumentário foi pesquisado também em um site brasileiro que trata especificamente sobre este assunto. Este site é do proprietário de uma agência multiplataforma que, além de abordar o assunto, oferece cursos sobre os conceitos e sobre como desenvolver um webdocumentário, Marcelo Bauer, citado neste relatório. Os descritores são: webdocumentário, documentário, interatividade, multimídia e transmídia.

O portal de eventos escolhido foi o da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Neste foram pesquisados os trabalhos que apareceram com os descritores mencionados entre 2010 e 2017.

Foram selecionados aqueles em que os descritores apareciam em títulos e tinham relação com webdocumentários ou algum tipo de narração interativa. Foram descartados trabalhos de graduação e aqueles que não tinham relação com o tema central, que é webdocumentário. Foram encontrados os resultados consolidados no Quadro 1.

Quadro 1- Produção científica (Intercom) – 2010-2017

Descritor	Trabalhos pesquisados	Trabalhos selecionados
Webdocumentário	2	2
Documentário	104	5
Interatividade	105	6
Multimídia	195	3
Transmídia	56	1
TOTAL	462	23

Fonte: Pesquisa/Elaboração própria.

Já os periódicos selecionados foram o *Doc On-Line*, uma revista digital de cinema e documentário e alguns encontrados no buscador da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Na revista foram pesquisados os descritores *webdocumentário* e *documentário*, no período de 2013 a 2017 (Quadro 2). A proposta da revista é ser semestral, mas em alguns anos há apenas uma edição. Foram analisadas, portanto, oito edições. Em cada edição há dossiês temáticos, artigos, leituras, análise crítica de filmes, dissertações, teses e entrevistas. O foco foram os artigos. Os critérios foram os mesmos usados para os trabalhos publicados em anais de eventos.

Quadro 2 – Produção científica (Periódicos) – 2013-2017

Descritor	Trabalhos pesquisados	Trabalhos selecionados
Webdocumentário	102	5
Documentário	089	2
TOTAL	191	7

Fonte: Pesquisa/Elaboração própria

No Portal da Capes foram pesquisados resultados para o descritor *webdocumentário* relacionado com os outros três: *multimídia*, *transmídia* e *interatividade*, entre 2013 e 2017. Neste foram encontrados alguns trabalhos de graduação e muitos outros em que os descritores apareceram em outras línguas e em trabalhos relacionados a saúde, educação, história e outras, que foram descartados. Também o foram os artigos que apareceram nas edições da revista *Doc On-Line*. No Quadro 3 estão listadas a quantidade de trabalhos encontrados, a quantidade analisada e os poucos selecionados.

Quadro 3 – Produção científica (Portal Capes) – 2013-2017

Descritor	Resultados obtidos	Trabalhos analisados	Trabalhos selecionados
Webdoc + Transmídia	52	52	0
Webdoc + Multimídia	425	170	1
Webdoc + Interatividade	657	250	2
Webdocumentário	9	9	4
TOTAL	1.143	481	7

Fonte: Pesquisa/Elaboração própria

O levantamento bibliográfico foi importante para conhecer parte do universo de pesquisas sobre webdocumentário e outros descritores.

3.1.1 Como o assunto vem sendo abordado

Quando o assunto é webdocumentário facilmente aparecem conceitos e pesquisas relacionados às novas tecnologias da informação e da comunicação. Muito se fala também no desenvolvimento da Internet e na Web 2.0. O ano de 2015 marcou os primeiros 20 anos da internet comercial no Brasil. E a internet comercial chegou ao Brasil ao mesmo tempo que em vários países, como os do primeiro mundo. Conforme a tecnologia se desenvolve muda também a forma de contar histórias. O conteúdo é cada vez mais interativo. O jornalista se adapta a novos veículos, novas possibilidades e à participação cada vez maior de quem consome notícia.

Neste contexto, nos últimos cinco anos os pesquisadores e autores de artigos veem se preocupando em estudar o perfil da nova geração de leitores e espectadores. Tentam compreender a interatividade no universo do cinema, dos documentários e o que é o webdocumentário. Muitos traçam a história desse desenvolvimento até a TV Digital e o que pode vir depois dela. Muitas são as mudanças também na produção dos documentários contemporâneos. A necessidade que as pessoas e instituições têm de se expressar fez a interatividade chegar também aos documentários, que impactados pelas possibilidades e facilidades de gravação, edição e exposição fizeram as histórias ganharem muitas plataformas ou multiplataformas. Neste sentido, muitos ensaiam conceitos sobre o webdocumentário, são muitos os pontos de vista em uma obra interativa e multimídia. O webdoc tem foto, vídeo, texto, áudio e o que mais o autor quiser incluir na narrativa. Neste território, ainda sendo desbravado, o que vale mesmo é a criatividade e os recursos que cada um tem para dispor. Os graduandos, mestrandos e doutorandos pesquisam as produções brasileiras, destacando se são

lineares, não lineares, buscam compreender como a web fez o homem ir muito além da fala, do emissor e receptor.

3.1.2 Os principais autores que vêm discutindo o assunto no Brasil

Nos artigos pesquisados foram encontrados alguns grupos, de algumas universidades, principalmente ligados a escolas de Comunicação, como professores e alunos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), empenhados em pesquisar as muitas mudanças na forma de comunicar e a relação com o desenvolvimento das tecnologias e as possibilidades da internet. Mais especificamente é possível citar o Núcleo de Estudos e Produção Hiperfídia Aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor), com apoio dos grupos de pesquisa Laboratório de Suporte e Desenvolvimento de Produtos Jornalísticos (LabProJor - JOR) da UFSC, Observatório da Ética Jornalística (Objethos) e Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). Outro exemplo é o trabalho das professoras e pesquisadoras Raquel Longhi e Rita Paulino, que no segundo semestre de 2015, no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, ministraram a disciplina Estudos Avançados em Gêneros e Formatos Jornalísticos. A disciplina ainda rendeu o livro Gênero e formatos no Ciberjornalismo, com artigos de mestrandos e doutorandos.

3.1.3 As principais referências para abordar o tema

Quando são pesquisados: webdocumentário, interatividade, transfídia e multifídia aparecem publicações de Bernard Miège, Denis de Moraes, Alex Primo, Henry Jenkins, Lev Manovich, Tatiana Levin, Marcelo Bauer, entre outros. Bernanrd Miège aborda questões das tecnologias e suas perspectivas na comunicação de massa e até comunicação de rede. Alex Primo publicou artigos além da tese de doutorado tratando da comunicação mediada pelo computador e sobre interação. Tatiana Levin tem alguns artigos publicados na Doc On-line Revista Digital de Cinema Documentário e Marcelo Bauer, como já foi citado anteriormente é dono da Cross Content, uma agência multiplataforma idealizadora do site webdocumentario.com.br, tem vários artigos e dá cursos sobre webdoc pelo Sesc Pompeia em São Paulo.

3.1.4 Estado da arte

A busca para o Estado da Arte foi feita no Banco de Teses e Dissertações do Portal da Capes. Foram pesquisados três descritores e para cada um deles a primeira análise foi o resultado da busca, o número de trabalhos analisados e os selecionados. Como mostra o Quadro 4.

Quadro 4 – Produção científica (Banco de Teses da Capes)

Descritor	Resultados da busca	Trabalhos analisados	Trabalhos selecionados
Webdocumentário	10	10	6
Interatividade	2.238	163	1
Documentário Interativo	3.338	120	3
TOTAL	5.586	293	10

Fonte: Pesquisa/Elaboração própria

Os números brutos carregam outras informações que serão detalhadas para cada descritor.

3.1.4.1 Webdocumentário

Para este descritor apareceram apenas dez resultados, por isso não houve a necessidade de delimitar uma data. Durante a avaliação foi eliminada uma dissertação que era anterior à plataforma Sucupira e não tinha dados suficientes para pesquisa e outros três que não tinham relação com o tema principal. Para os seis trabalhos selecionados foram pesquisadas cinco teses de doutorado, quatro dissertações de mestrado, uma dissertação de mestrado profissional, das áreas de conhecimento constantes no Quadro 5.

Quadro 5 – Webdocumentários por área do conhecimento

Área de conhecimento	Quantidade encontrada
Ciências Sociais Aplicadas	5
Multidisciplinar	3
Engenharias	1
Linguística, letras, artes	1

Fonte: Pesquisa/Elaboração própria.

Os trabalhos citados no Quadro 5 são das seguintes Universidades: Centro Universitário Una, Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade do

Vale do Rio dos Sinos, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Tuiuti do Paraná.

3.1.4.2 Interatividade

Ao pesquisar o descritor *interatividade* apareceram 2.238 resultados, sendo 2.293 dissertações de Mestrado e 754 teses de Doutorado. Foram selecionados trabalhos publicados entre 2012 e 2016, como detalhado no Quadro 6.

Quadro 6 – Produção científica (Teses e Dissertações) sobre interatividade

Quantidade de teses	Anos
300	2016
333	2015
276	2014
240	2013
206	2012

Fonte: Pesquisa/Elaboração própria.

Para delimitar mais a pesquisa, a opção foi avaliar os trabalhos de 2016, sendo 125 dissertações de Mestrado e 38 teses de Doutorado das áreas de conhecimento elencadas no Quadro 7.

Quadro 7 – Produção científica sobre interatividade por área do conhecimento (2016)

Área de conhecimento	Quantidade encontrada
Ciências Biológicas	3
Ciências da Saúde	5
Ciências Exatas e da Terra	13
Ciências Humanas	35
Ciências Sociais Aplicadas	48
Engenharias	13
Linguística, Letras e Artes	28
Multidisciplinar	44

Fonte: Pesquisa/Elaboração própria.

Apenas um trabalho foi selecionado porque os outros não tinham relação direta com o tema central do trabalho que é webdocumentário.

3.1.4.3 Documentário interativo

O terceiro e último descritor apresentou 3.338 resultados com algumas pesquisas repetidas, sendo 750 teses de Doutorado, 2.278 dissertações de Mestrado e 921 dissertações de Mestrado Profissional. O interessante é que apareceram trabalhos publicados desde 1987. Ou seja, de alguma forma este assunto é tratado há pelo menos 30 anos, dividido em 204 áreas de conhecimento com publicações de 237 universidades, sendo a maior parte da Universidade de São Paulo. No caso deste descritor foram analisadas as primeiras 120 publicações entre 2014 e 2017, destas três foram selecionadas após a triagem.

3.2 O documentário e a interatividade

Para definir o que é um documentário e como ele surgiu, boa parte dos autores recorre à história lembrando dos irmãos Lumière, como Lucena (2012). Ele conta que documentar com uma câmera foi o primeiro ato cinematográfico registrado, inicialmente feito pelos irmãos franceses, que nasceram no século XIX.

A linguagem cinematográfica nasceu com o aspecto documental, com a aplicação dos princípios da câmera fotográfica a imagens em movimento. As primeiras “vistas animadas”, projetadas em 1895 pelos irmãos Limière no Café Paris, eram cenas do cotidiano, cenas que os pioneiros gravaram com uma revolucionária câmera que registrava 24 quadros por segundo o que acontecia a sua frente. A câmera era pesada, não permitia nenhum movimento (LUCENA, 2012, p. 9).

Lucena (2012) ainda relembra que a linguagem do documentário tal como se conhece atualmente só surgiu com os filmes de Robert Flaherty, nos anos de 1920, quando ele fez um filme sobre uma comunidade de esquimós do norte do Canadá. Ele criou o que foi considerado, segundo o autor, o primeiro filme de não ficção, *Nanook, o esquimó*, em 1922.

Já o autor Sílvio Da-Rin (2004) vai além do campo teórico para refletir sobre o conceito de documentário e entende que tentar defini-lo é uma perda de tempo. Para chegar a esta constatação, ele compara diferentes concepções de documentário.

De fato, estamos diante de um “regime” de fácil constatação empírica – qualquer espectador que entre inadvertidamente em uma sala de cinema, em poucos minutos saberá responder se aquilo a que está assistindo é ou não é um documentário. Se suas “fronteiras incertas” desafiam o estabelecimento de uma definição extensiva, capaz de esgotar todas as ocorrências, isto não nos impede de reconhecer a existência concreta deste “grande regime

cinematográfico” – que preferimos chamar de um *domínio*, entendido como âmbito de uma arte (DA-RIN, 2004, p. 18).

Independentemente de onde surgiram e os caminhos que percorreram em mais de um século depois das primeiras imagens em movimento, o fato é que os documentários e filmes ultrapassaram as barreiras das salas de cinema, dos televisores e chegaram aos computadores e celulares. Mais que isso, como explica Lucena (2012), não importa qual equipamento foi usado para filmar o documentário, se foi celular, webcam, câmera fotográfica ou filmadora; o destino dele é praticamente certo: a internet. Jenkins, Green e Ford (2014) dizem que, se algo não se propaga, está morto, que a cultura contemporânea está cada vez mais participativa.

O ambiente atual de mídia se torna cada vez mais propício para a propagação do conteúdo de mídia. Em parte, a propagabilidade é o resultado das mudanças na natureza das tecnologias que facilitam a produção, o upload, o download, a apropriação, o remix, a recirculação e a incorporação do conteúdo (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 359).

E os filmes na internet são consumidos não apenas por telespectadores, mas por leitores-espectadores-internautas, pesquisados por Canclini (2008). Este sujeito que lê, assiste e interfere no conteúdo. Que deixou de ser um mero contemplador da realidade para participar, interagir e opinar sobre o que vê e lê. Como explica Canclini (2008), a convergência digital coloca em cheque o esquematismo que colocava de um lado o leitor como ativo e pensante e o espectador como passivo e submisso.

As pesquisas sobre recepção já demonstraram que os “espectadores e os ouvintes são tão criativos e imprevisíveis como os leitores”, e na recepção do cinema, das novelas e espetáculos de música, as obras “procuram receptores para animá-los ou consolá-los; nos três casos, os receptores podem ler entre aspas, de maneiras irônicas ou inovadoras” (CANCLINI, 2008, p. 52).

E se este cidadão não quer só receber é porque ele tem necessidade de interagir. Para Amaral (2005), a interatividade, como característica principal do cenário digital, permite a personalização da informação.

Programas de televisão em que os espectadores podem votar em certas respostas, jogos de computador e de console que respondem à ação de um “joystick” são exemplos da fronteira entre a interactividade e a “reactividade” (Primo e Cassol: s/d). A discussão da interactividade dos exemplos atrás descritos pode passar pelo argumento de diferentes tecnologias. Mas, com certeza que são exemplos de interação muito semelhantes ao que se passa na web: a leitura não-linear deve ser mais do que a escolha de um percurso evidente (AMARAL, 2005, p. 139, grifo da autora).

Se as características de interação na internet proporcionam novas formas de ler ou assistir a histórias, quem produz também se preocupa em criar conteúdos não lineares em que esse leitor-espectador-internauta conheça a história na ordem e no momento em que lhe convier, em múltiplas telas.

O conceito de documentário é cada vez mais poroso e uma gama de produtos com linguagem, estética e maneiras de abordar histórias e personagens diferentes dos filmes de Flaherty pode ser considerada representante da categoria. São inovações que trazem novos respiros ao campo, novas maneiras de observar e falar sobre o mundo, as quais acabam alterando, inclusive, expectativas da audiência em relação ao produto (OLIVEIRA; VARASQUIM, 2016, p. 168).

É nesse ritmo de evolução do ‘documentar’, de narrar uma história, deixá-la disponível na internet e mais atraente ao leitor-espectador-internauta que se chega à discussão sobre a narrativa transmídia e ao conceito de webdocumentário, um produto que nasceu nos meios digitais.

3.3 A narrativa transmídia

Por tudo o que foi pesquisado até aqui foi possível perceber que há também na academia uma discussão sobre a evolução do ato de documentar passando pela narrativa transmídia. Pode-se dizer que a relação do audiovisual de forma interativa mediada pelo computador, navegável é ainda cheia de dúvidas, mas tem sido experimentada em alguns produtos. No artigo A diversidade de modelos narrativos para documentários transmídia, Denis Renó analisa três produções. E revela a dificuldade em definir um formato na atualidade.

A falta de definição de formatos é uma máxima quando se pensa em narrativa transmídia. Afinal, a criatividade é uma marca nesta linguagem. Além disso, o gênero documentário é uma obra artística, ou seja, não há como definir formatos limitados de produção (RENÓ, 2013, pp. 93- 112).

Neste mesmo artigo Renó (2013) apresenta algumas definições de modelos de documentário transmídia. Mas ao fim conclui mesmo que não há um modelo ainda.

Porém, o fundamental nessa conclusão é entender que o documentário transmídia, assim como obras do gênero documentário em linguagem tradicional, não consegue ajustar-se a um único modelo, como justifica Bill Nichols (1997). A mescla entre linguagens e formatos é, segundo o autor, uma marca do documentário e se justifica pela liberdade da criação artística. Dessa maneira, convido novos pesquisadores e produtores a se arrisquem nessa realidade que está apenas começando e que tem muito um grande potencial de expansão no campo da produção audiovisual que oferece ao expectador discursos navegáveis de realidade: o documentário transmídia (RENÓ, 2013, pp. 93- 112).

E é nessa busca por entender como evoluiu a arte de documentar, passando pelo documentário transmídia, observando a necessidade de interatividade do ser humano, em que ele não é mais só um telespectador ou internauta passivo, é nesse conjunto de evoluções que chega-se mais perto do webdocumentário.

3.4 O webdocumentário e algumas definições

Ao se deparar com a palavra webdocumentário, a primeira reação pode ser traduzi-la imaginando se tratar de documentário para internet, mas não é isso. O webdocumentário possibilita conhecer uma história por meio de vários recursos, como textos, fotos, imagens, sendo navegado de forma livre. O conceito de webdocumentários é discutido há pouco mais de 15 anos, então, o conceito e as formas de fazer vêm evoluindo e o conceito também acompanha esse caminho.

Gaudenzi (2013) reforça que, se apenas for filmado com tecnologia digital e colocado na web, é documentário digital. E que, para ser um webdocumentário, o usuário precisa realizar algo com ou no conteúdo. Para Oliveira e Varasquim (2016), a mobilização de múltiplas narrativas que fazem pleno uso das propriedades interativas e de navegação das plataformas digitais faz com que documentários nativos desse meio usem a linguagem de um mundo conectado.

O webdocumentário, criado para reprodução exclusivamente na web, oferece ao usuário não apenas uma experiência visual diferente, mas também a possibilidade de exercer uma atitude dinâmica diante do conteúdo, pois são justamente as suas ações que desencadeiam o acesso a novos olhares a respeito da realidade apresentada (OLIVEIRA; VARASQUIM, 2016, p. 161).

Parafraçando Oliveira e Varasquim (2016), apesar de ser nativo do mundo digital e ser resultado de evolução tecnológica, o webdocumentário é também resultado do tratamento criativo que cada autor tem da realidade.

Assim como o som e as cores trouxeram novos recursos aos cineastas, as potencialidades do mundo digital também acrescentam ferramental ao autor hoje. Mas o principal continua sendo o ponto de vista original do criador e sua capacidade de transformá-lo em produto criativo e único (BAUER, 2016 apud OLIVEIRA; VARASQUIM, 2016, p. 168).

A bibliografia em português sobre webdocumentário ainda é limitada. Durante a pesquisa de referências para este relatório, foram encontrados alguns artigos em congressos de comunicação, algumas teses de mestrado e doutorado, mas, principalmente, artigos na *DOC On-Line: Revista Digital de Cinema Documentário* (2006), editada por Manuela Penafria, atualmente professora na Universidade da Beira Interior, em Portugal, e Marcius Freire, pesquisador da Universidade Federal de Campinas (Unicamp), e no site *webdocumentário.com* da Cross Content, uma produtora multiplataforma de São Paulo.

O webdocumentário apresenta-se, então, como uma nova forma de expressão da “voz fílmica”. E tão heterogêneas serão suas manifestações quanto maior for o número de cineastas dispostos a abraçar o gênero. Para que essa “voz fílmica” se realize plenamente, espera-se que cada criador siga na tarefa de encontrar o seu público, agora convertido em espectador participativo (e por vezes coautor). Desse encontro mágico de público e criadores se fez a história do cinema. E essa deverá continuar sendo a lógica no ciclo da comunicação digital na internet (BAUER, 2011, p. 98, grifos do autor).

Muitos trabalhos não promovem tanta discussão sobre o conceito, mas usam a análise de alguns produtos para destacar a narrativa na web. Em diversos textos, são analisados os mesmos webdocumentários produzidos nos últimos anos e que são considerados como referência.

Algumas obras brasileiras desbravaram o terreno e obtiveram reconhecimento, como *Filhos do Tremor – Crianças e seus Direitos em um Haiti Devastado*³; *Rio de Janeiro – Autorretrato*⁴ e *Caminhoneiras*⁵, entre outras. Do exterior, podem ser destacadas obras como *Becoming Human*⁶, entre outras diversas (SOUZA, 2017, p. 17).

³ Webdocumentário filmado a partir de imagens gravadas por Organizações Não Governamentais (ONGs) e agências da Organização das Nações Unidas (ONU), após terremoto no Haiti (FILHOS..., 2010).

⁴ Neste webdocumentário, três fotógrafos narram suas vidas em um cenário de contrastes (RIO DE JANEIRO..., 2011).

⁵ Webdocumentário apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Universidade Positivo, em Curitiba (PR) (CAMINHONEIRAS, 2012).

⁶ Webdocumentário que trata das origens e evolução da humanidade (BECOMING..., 2009).

A referência sobre quando surgiu e como se popularizou o webdocumentário, ou webdoc, ou ainda i-doc, é destacada por Oliveira e Varasquim (2016).

Documentários produzidos para o meio digital começaram a ganhar evidência a partir da edição de 2002 do festival Cinéma du Réel (LEVIN, 2013), que acontece anualmente na França. Foi quando iniciou a popularização do conceito webdocumentário, em referência a produções com narrativa documental, pensada e produzida para reprodução na Web (OLIVEIRA; VARASQUIM, 2016, p. 168).

Levin (2013) ainda levanta a preocupação de que a narrativa perca a força, já que o conteúdo é apresentado de forma não linear e fragmentada, mas, por outro lado, lembra que o produto tem espaços para que o espectador conheça a história do objeto e tenta também responder o que acontece com a narrativa quando é elaborada para plataformas web.

Mais do que responder essa pergunta, alguns agentes importantes no cenário do webdocumentário lançaram um manifesto a defender um posicionamento diante do que deve ser a narrativa documental feita para web. The Web Documentary Manifesto foi lançado neste ano e é assinado conjuntamente por Zeega, Mozilla Foundation, MIT OpenDocLab, Ingrid (Tribeca Film Festival) e internautas anônimos que contribuíram. Dentre as posições colocadas está a de que a boa história é o que conta, sendo o manifesto uma convocação aos storytellers pelo mundo a integrar esse novo cenário de criação proporcionado pela web. Há claramente também uma defesa do uso da web dentro de suas possibilidades de interatividade – colaboração incluída aí - em oposição a uma transposição de produtos formatados para outros meios que não dialogam com aquilo que é específico da web enquanto mídia digital on-line com a interatividade como recurso (LEVIN, 2013, p. 86).

O que é novo sempre gera desconfiança, discussões, propõe quebra de paradigmas e novos estudos. E isso não é diferente com o webdocumentário. O fato é que ele vem para reforçar que a era do leitor-espectador-internauta passivo já passou.

Beatriz Ribas (2003) complementa que o webdocumentário arranja os conteúdos de forma a oferecer níveis de aprofundamento e interações ao receptor. Características como interatividade, hipertextualidade, multimídia e memória, elenca a autora, são utilizadas para a construção de uma narrativa multidimensional, resgatando fatos históricos e contribuindo para o conhecimento em diversas dimensões (OLIVEIRA; VARASQUIM, 2016, p. 168).

Ao conhecer um pouco mais sobre os conceitos e propostas de cada autor até aqui, foi possível perceber o que Oliveira e Varasquim (2016) comprovaram a partir de estudos, que o webdocumentário não é integralmente herdeiro do documentário feito para o cinema e para a televisão. Entre outros fatores, pela forma como o usuário se posiciona, a construção de

distintas narrativas e a necessidade de interfaces intuitivas para proporcionar melhor interação.

3.5 Webdocumentário e as formas de interação e navegação

Diversos pesquisadores que tratam das formas de interagir e de navegar em webdocumentários recorrem a Penafria⁷ (2013) e a Gaudenzi⁸ (2013), o que será feito aqui também. Como não há, neste momento, a intenção de confrontar autores sobre estes conceitos, já que basicamente são formulados pelas referidas autoras, será destacada aqui a pesquisa feita por Souza (2017) em que cita que, para Penafria (2013), o webdocumentário tem dois tipos de abordagem documental: uma abordagem centrada e uma abordagem global, com uma navegação disseminada e uma navegação cumulativa, respectivamente.

Na abordagem centrada com navegação disseminada, o usuário navega construindo um caminho próprio. Não tem uma ordem indicativa como correta. Cada um explora da forma como acha melhor.

Neste tipo de abordagem, a autora refere-se a webdocumentários cujas estruturas se baseiam em menus, submenus e às vezes em níveis, como ocorre nos videogames, constituindo-se em tipos de obras que estimulam a criação de outras, com novos pontos de vista ou nova estrutura relativa à organização de seus conteúdos e outro conjunto de escolhas que se tornam possíveis (SOUZA, 2017, p. 84).

A abordagem global com navegação cumulativa não tem uma delimitação de tempo ou espaço. São temas comuns a todos, como explica a autora: “[...] Penafria (2013) entende ser a tendência dos webdocumentários na seleção dos temas, caracteriza-se por uma abordagem que explora temáticas de forma atemporal e sem delimitação espacial, as quais claramente dizem respeito a todos os indivíduos e a cada um” (SOUZA, 2017, p. 86-87).

⁷ Manuela Penafria é portuguesa, licenciada em Comunicação Social pela Universidade da Beira Interior (UBI), com mestrado em Ciências da Comunicação área Cinema (UBI, 1998) e Doutorado em Ciências da Comunicação área Cinema (UBI, 2006). Atualmente é professora auxiliar no Departamento de Comunicação e Artes também da UBI.

⁸ Sandra Gaudenzi é doutora e chefe de estudos do !Flab - uma iniciativa de formação da União Europeia (UE) para criadores de documentários interativos. Ela consulta, pesquisa, palestras, escreve e tem um blog sobre narrativas factuais interativas. Lecionou durante 15 anos na *University of the Arts* de Londres e agora está colaborando com a Universidade de Westminster para a abertura de um novo Laboratório de Contação de Histórias Digital e Interativa MA. Ela também é *Visiting Fellow* no *Digital Cultures Research Center* (UWE, Reino Unido), onde co-dirige a conferência e o site i-Docs.

Sobre as formas de interatividade, Souza (2017) destaca a pesquisa de Gaudenzi (2013). Gaudenzi cria conceitos para explicar as formas de interação do usuário com o sistema que ele navega no ambiente virtual.

Em sua tese, Gaudenzi (2013), no âmbito de uma lógica de interação que define como “documentário vivo” (living documentary), propõe quatro modos para diferenciar documentários interativos - ou seja, formas de conceber a relação entre usuários e conteúdos digitais -, os quais oferecem diferentes níveis de agenciamento para o usuário – agenciamento enquanto sensação experimentada por ele de que uma ação significativa no ambiente virtual é resultado de sua decisão ou escolha – e definem os parâmetros de interação entre usuários e artefato interativo. Estes modos são denominados hipertextual (metáfora da “carona”), conversacional (metáfora da “conversa”), experiencial (metáfora da “dança”) e participativo (metáfora da “construção”) e são distintos quanto a: lógicas de interatividade a partir de diferentes fontes; funções do usuário; papel do autor (SOUZA, 2017, p. 92, grifos da autora).

Estes conceitos são importantes porque, ao escolher contar uma história por meio de um webdocumentário, o autor tem definida também a necessidade de que, para conhecer o seu objeto, o usuário precisará navegar, interagir e sentir a narrativa como explicado anteriormente.

3.6 A comunicação dos projetos sociais

Neste tópico, a intenção é discorrer brevemente sobre como é feita a comunicação de projetos sociais atualmente, mas descrever de forma rápida como alguns autores e profissionais avaliam a forma que as instituições do Terceiro Setor se comunicam com a sociedade. É importante que essas instituições sejam vistas para que consigam patrocínio para as atividades que realizam. Se não forem conhecidas, é possível que se torne ainda mais difícil convencer a sociedade e os empresários sobre a importância do trabalho que desenvolvem e a mudança que causam nas vidas que são impactadas por estas instituições ou projetos.

No caso do objeto deste trabalho, o projeto Pé de Moleque, hoje, ele não recebe nenhum tipo de patrocínio. A história que escreveram até aqui está registrada apenas em publicações de mídia espontânea⁹. São entrevistas exibidas pelas emissoras de TV locais, jornais impressos, online e até reportagens em programas de alcance nacional, mas tudo de forma espontânea. Sem um plano específico de comunicação. Os responsáveis pelo projeto

⁹ No site da empresa Comunique-se, é explicado um dos conceitos de mídia espontânea, que acontece quando seus clientes, a imprensa e o público em geral compartilham seu conteúdo, falam da sua marca através do boca-a-boca, ou discutem de alguma outra maneira sobre o seu negócio. Em outras palavras, as menções são obtidas organicamente, o que significa que elas são voluntariamente feitas por terceiros.

guardam essas reportagens e recortes, mas não têm uma publicação que relate ou narre a história a partir de sua idealizadora e registre as conquistas até aqui. Assim, a história pode se perder com o tempo. Uma memória que poderia estimular empresas a investirem na formação das crianças e adolescentes atendidos pelo projeto.

É preciso então conceituar, mesmo que minimamente, o que é o terceiro setor.

O Terceiro Setor é caracterizado como um espaço de participação com o intuito de ultrapassar as barreiras e lacunas do Estado (primeiro setor) e do mercado (segundo setor) no tratamento de causas de interesses públicos e sociais. No entanto, não há entre os estudiosos e os atores que compõem o terceiro setor um consenso acerca de sua definição exata (BENINE, 2010; PERUZZO, 2009). Apesar da polissemia na definição do que seja o Terceiro Setor, é inegável seu papel de destaque no reconhecimento das causas sociais e na legitimação do interesse público, pois sua atuação na área social pode despertar a solidariedade para com o próximo transformando a sociedade. Formado por organizações da sociedade civil, o terceiro setor contempla as entidades sem fins lucrativos, como as organizações não-governamentais (ONGs), as associações, as fundações, a sociedade civil organizada na forma de conselhos populares, fóruns de discussão e grupos em redes sociais, entre outros. Essa somatória cria um universo heterogêneo de entidades privadas com caráter público a serviço dos interesses coletivos (BENINE, 2010; DUARTE, 2011; PERUZZO, 2009 apud MAGRINI, 2017 p. 2-3).

O professor Lester Salamon da *Johns Hopkins University*, diretor do Centro de Estudos da Sociedade Civil para Estudos Políticos, é considerado um *expert* quando se fala em terceiro setor. Em 2000 durante o *Seminário Internacional Perspectivas para o Terceiro Setor no Século XXI*, falou sobre quatro desafios do terceiro setor e propôs mais um.

Eficácia – nestes últimos seis anos foi realizado um considerável esforço para promover a capacitação dos profissionais da área, resultando em avanços na eficácia das organizações. Atualmente, as entidades possuem equipes cada vez mais profissionalizadas, o que reflete no número de pessoas remuneradas, que já é maior que o de voluntários; **Legitimidade** – as estruturas legais se modernizaram em diversos países, como no Japão, na Itália e no México. Porém, ainda há mudanças a serem feitas para que o terceiro setor usufrua de um ambiente legal propício à sua atuação; **Sustentabilidade** – os ganhos aqui se deram principalmente por dois fatores: aumentaram os esforços na promoção da filantropia e governos de diversos países passaram a desenvolver parcerias com as organizações sem fins lucrativos, o que proporcionou recursos para suas ações; **Parceria** – um dos principais avanços neste campo foi o aumento das parcerias entre as empresas e o terceiro setor. Além disso, cresce o entendimento que, sozinho, o terceiro setor não resolverá os problemas sociais. Com o fracasso dos paradigmas do mercado e do Estado, o modelo da parceria é reconhecido como forma ideal de combate às desigualdades; **Justiça** – para Salamon, este é um dos maiores desafios que o terceiro setor tem pela frente. Em sua busca pela sustentabilidade, seja ela institucional ou financeira, as organizações devem seguir fielmente a sua missão social. Isso quer dizer, por exemplo, não buscar recursos de empresas socialmente irresponsáveis (GIFE, 2002).

Alguns idealizadores de projetos sociais ainda têm receio da divulgação ou de registrar as suas realizações. Talvez seja um conflito entre a ética e a necessidade como pontua Alonso (2014). Para o consultor e professor, o marketing e a comunicação são meios importantes para que as entidades sem fins lucrativos obtenham recursos.

Sendo assim, a idealização do produto abordado neste relatório vem da vontade de deixar registrada a história do projeto Pé de Moleque para que possíveis investidores sociais conheçam o trabalho realizado em Uberlândia e seus resultados. É claro que, para captar recursos, uma instituição não depende só da comunicação, é preciso ter um projeto de captação de recursos.

Indentado: Todavia, antes de desenvolver qualquer projeto de captação a organização deve estar estruturada, atender aos pré-requisitos de: ter conhecimento sobre a melhor constituição jurídica, títulos e certificados que facilitem o alcance dos objetivos, ter o foco de atuação definido, estabelecer a comunicação adequada com a comunidade, ter à disposição recursos humanos, contratados ou voluntários, capacitados para executar e gerenciar as ações propostas e, finalmente, ter uma boa administração financeira, clara e transparente, conhecendo a composição dos recursos disponíveis (ANDRADE, 2002, p. 55).

O que este trabalho pretende então é dar o exemplo do webdocumentário, uma ferramenta que não é utilizada hoje no Brasil para este fim, para o registro do trabalho de organizações do Terceiro Setor com o objetivo de atrair possíveis patrocinadores.

3.7 O webdocumentário como caminho para a divulgação de projetos sociais

Não há aqui a intenção de apontar o webdocumentário como o “melhor caminho”, já que não será feita uma pesquisa sobre as formas de comunicação utilizadas por instituições do Terceiro Setor ou projetos sociais no Brasil atualmente. A ideia é apontar o webdocumentário como um caminho possível. Empiricamente, pode-se observar que instituições do terceiro setor utilizam a mídia espontânea para a divulgação dos seus projetos e necessidades, mas é preciso mais. Para ter visibilidade, é preciso pensar também na comunicação com a sociedade.

Indentado: Mas antes de tudo, conforme coloca Fontanella (2001) a organização deve mostrar que a sua causa e a própria organização trazem benefícios para a comunidade. Também é importante comunicar informações sobre a organização: suas propostas, sua capacidade de trabalho e os resultados que a organização vem alcançando ou pode vir a alcançar. Para comunicar de maneira adequada deve-se saber com qual público a organização deseja comunicar-se, o que realmente deseja dizer e, com base nesses aspectos, selecionar a mídia mais adequada. É importante que a organização se preocupe em divulgar informações sobre a causa a ser atendida. Dados

estatísticos que comprovem o agravamento da situação ou, em alguns casos, a diminuição dos problemas atendidos, demonstram que a organização conhece a causa e que, através de determinadas ações, pode educar a comunidade para que auxilie na mudança do status quo (ANDRADE, 2002, p. 59).

Dentro das empresas que patrocinam e investem nessas instituições, também ocorre um movimento. Diante da grande concorrência entre as empresas e mudanças no comportamento do consumidor, os empresários tentam mostrar o diferencial das suas marcas e como elas contribuem com a sociedade.

As empresas fazem investimentos sociais pelos mais variados motivos, mas alguns dos benefícios já obtidos a curto prazo é a melhora da relação com a comunidade, uma valorização da marca e motivação do corpo de colaboradores, entre outros. Quando a empresa avalia seus investimentos sociais a longo prazo, já demonstra estar mais consciente de seu papel de transformadora da sociedade, contribuindo para que seja alcançado o desenvolvimento sustentável (ANDRADE, 2002, p. 50).

Por outro lado, já não interessa para as empresas somente o consumidor que está offline, elas querem impactar também o consumidor que está online. A preocupação é tão grande em entender o cidadão que interage com as marcas pelas mídias sociais que, segundo Kotler, Kartajaya e Setiawan (2017), é preciso atenção à antropologia digital.

A antropologia digital se debruça sobre a conexão entre humanidade e tecnologia digital. Explora como os seres humanos interagem com as interfaces digitais, como se comportam no contexto de tecnologias e como essas tecnologias estão sendo usadas pelos seres humanos para interagirem entre si. Pode também ser usada para ajudar a entender como as pessoas percebem as marcas em suas comunidades digitais e o que as atrai para determinadas marcas. A especialidade é relativamente nova no campo da antropologia. No entanto, as aplicações recentes na descoberta de tendências de mercado promoveram sua popularidade entre os profissionais de marketing (KOTLER; KARTAJAYA; SETIAWAN, 2017, p. 135).

Se este trabalho está propondo o webdocumentário como forma de divulgação de projetos sociais e instituições do Terceiro Setor, por que, então, tratar de marketing social e digital?

É importante abordar esta preocupação das empresas, possíveis patrocinadoras, para mostrar que as instituições também precisam estar preparadas para as mudanças no mundo. Precisam estar preparadas para que seus projetos sejam conhecidos e gerem o desejo de empresas terem suas marcas associadas aos projetos sociais. Isso porque, no webdocumentário, é possível que a marca do patrocinador também seja exposta na página inicial como uma das formas de agradecimento.

A fidelização das empresas doadoras pode ser realizada de diversas formas, mas o agradecimento e a prestação de contas nunca podem faltar. Para adquirir confiança e conhecer melhor a instituição deve-se conhecer a história e fatos marcantes, criando um vínculo maior com a entidade (CAMARGO et al., 2001), e demonstrar, tanto para a empresa quanto para a comunidade, a importância e os resultados dos recursos recebidos (ANDRADE, 2002, p. 66).

Diante das reflexões aqui expostas, tanto sobre o webdocumentário e sua forma de narrativa tão atual e conectada quanto sobre a necessidade de os projetos sociais e instituições do terceiro setor dialogarem com a comunidade e seus possíveis patrocinadores, é que este trabalho defende os webdocs como uma ferramenta de divulgação. Uma ferramenta que pode dar visibilidade para os projetos sociais e instituições do terceiro setor de forma completa, ainda com a possibilidade de interação.

4 MEMORIAL DESCRITIVO – A CONSTRUÇÃO DO WEBDOCUMENTÁRIO

A construção do webdocumentário foi iniciada depois da pesquisa para a fundamentação teórica. A busca sempre foi pelo que é o webdocumentário na prática. A partir das orientações, aulas e discussões, foram feitas pesquisas bibliográficas, análise de similares sobre o objeto e uma entrevista com a idealizadora do projeto Pé de Moleque, que é o objeto de estudo. Outros materiais foram obtidos por meio de contatos com a responsável pelo projeto. Portanto, neste capítulo é relatado como o webdocumentário foi pensado e construído.

4.1 O tema

O documentário é pesquisado no Brasil há pelo menos 30 anos, como mostram os dados do Banco de Teses da Capes. Já o Webdocumentário, principal tema da pesquisa, vem aparecendo de forma mais recorrente em teses e dissertações nos últimos cinco anos no Brasil. É um assunto razoavelmente novo e coincide com o desenvolvimento da tecnologia e as possibilidades que a Internet abre para novas narrativas.

As pesquisas mostram geralmente como é a estrutura dos webdocumentários, como são veiculados, seu funcionamento, principais autores, gêneros e como de fato se constituem. Muitos usam autores que escrevem sobre as mudanças na forma de comunicar do ser humano e como vem mudando a relação entre o emissor e o receptor.

Na verdade, usam teorias que mostram como muitos emissores e receptores convivem na Web 2.0. Uma relação muito mais dinâmica e interativa que leva a uma nova narrativa em que o espectador pode conhecer a história da forma como achar melhor. A maior parte das teses e dissertações publicadas até aqui aborda conceitos de webdocumentário trabalhados por diferentes autores e respostas para questões como roteiro, autoria, papel do diretor, linearidade, não linearidade, montagem, entre outras.

Alguns pesquisam das diferenças entre interatividade e participação e explicam como o webdocumentário tem algumas propriedades estruturais que surgiram a partir do cinema documental clássico. As abordagens metodológicas mais recentes são por meio de estudos e comparações de webdocumentários muito conhecidos como *Out My Window*, entre outros.

Portanto os trabalhos apresentam conceitos do novo gênero e análises de webdocumentários já existentes. Alguns autores o qualificam como um novo gênero e outros

como uma evolução da forma linear em uma narrativa multissequencial e multimidiática. E praticamente todos concordam que o webdocumentário tem fragmentos que funcionam como unidades.

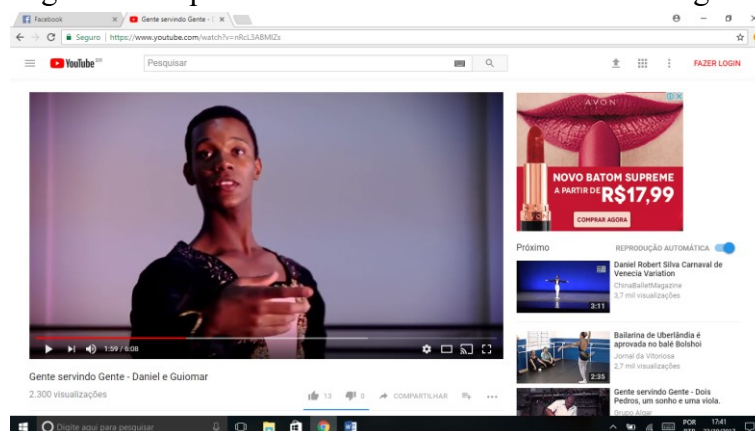
4.2 Material de referência

Já que a ideia é produzir um webdocumentário sobre o Projeto Pé de Moleque, o primeiro passo foi conhecer alguns trabalhos similares produzidos no Brasil. Foram selecionados dez trabalhos para serem navegados, mas serão descritos neste relatório apenas os quatro relacionados ao objeto. Não se trata de uma análise crítica de cada um deles, mas uma pesquisa de reconhecimento sobre o formato e as narrativas utilizadas pelos autores de cada um. Foram levantados ainda os pontos fortes e fracos em relação ao webdocumentário que será produzido sobre o Projeto Pé de Moleque.

4.2.1 *Gente Servindo Gente – Guiomar e Daniel*

Gente servindo gente (Figura 1) é o lema do Grupo Algar de Uberlândia, que tem 88 anos. No ano em que a Algar lançou esse posicionamento para o mercado foi criada uma série de filmes destacando histórias de pessoas que se dedicavam ao outro. Em um dos episódios foi contada a história do bailarino Daniel Robert, sua trajetória e sua relação com a bailarina e diretora do Grupo Vórtice, Guiomar Boaventura.

Figura 1 – Captura de tela do canal - Gente servindo gente



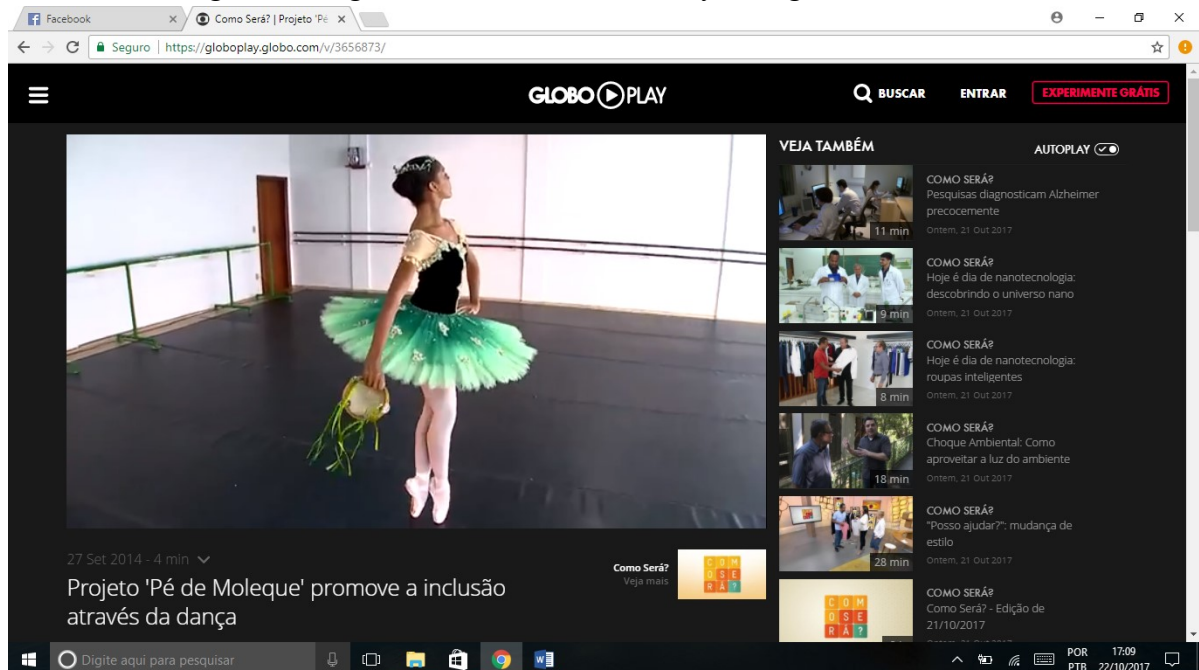
Fonte: Gente... (2014)

Daniel iniciou a carreira no grupo por meio do Pé de Moleque, recebeu vários prêmios e atualmente é contratado do Balé Nacional da Holanda. Este filme, de pouco mais de seis minutos, faz parte então de uma estratégia de marketing do grupo Algar. O formato é um vídeo em que a história é contada pelos próprios personagens. E a história é ilustrada com imagens do dia a dia deles. Não tem anunciantes e sim um realizador que é o próprio grupo Algar. O vídeo foi exibido na TV aberta e colocado no site da empresa e no Youtube. O ponto forte é a forma como a história é conduzida, sem off e contada pelos personagens o que na minha opinião, facilitou o despertar da emoção. Não vejo ponto fraco. Este trabalho pode ajudar e até integrar o webdocumentário, pois pretendo criar um espaço para vídeos e reportagens ligados ao projeto que foram veiculados na mídia ou em outras plataformas.

4.2.2 Projeto Pé de Moleque – Como Será?

Esta é uma reportagem sobre o *Projeto Pé de Moleque* (Figura 2) exibida no programa *Como Será?* no dia 27 de setembro, de 2014, na TV Globo. A reportagem aborda a história do projeto e mostra exemplo de alunos que cresceram e chegaram a outros países através do trabalho da bailarina e coreógrafa Guiomar Boaventura.

Figura 2 - Página de vídeos da GloboPlay - Programa Como será?



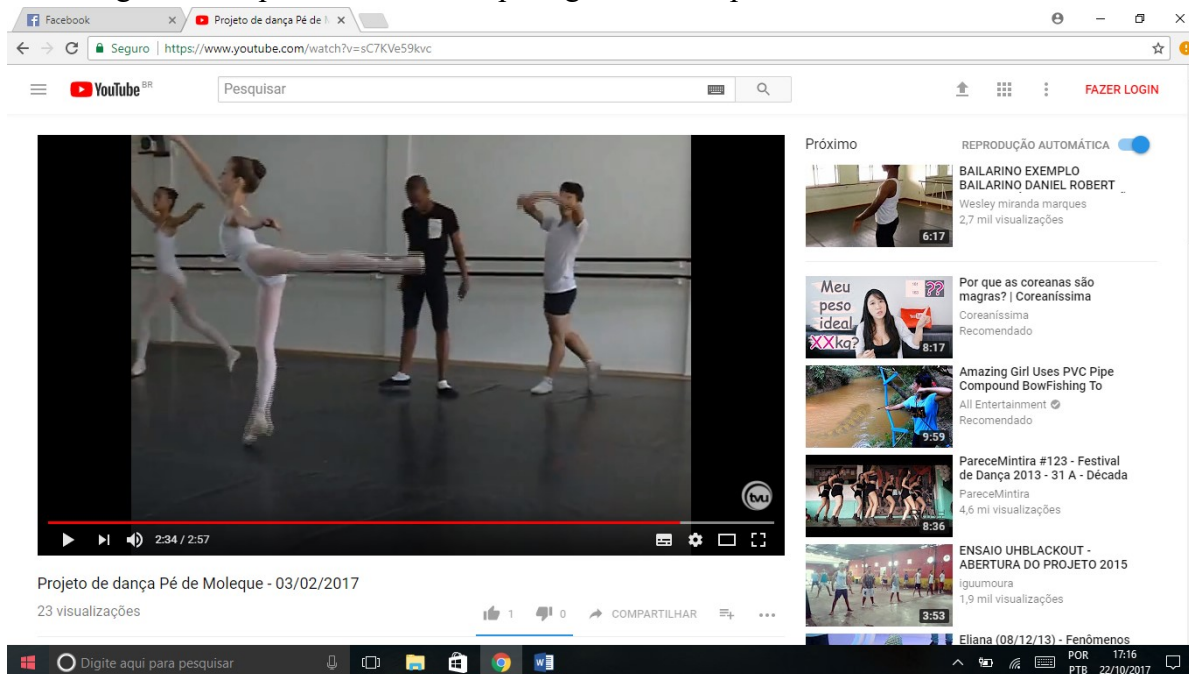
Fonte: Projeto... (2014)

O formato é o de reportagem tradicional com texto em off, entrevistas e passagem da repórter. Os anunciantes eram os do programa naquela época. A reportagem foi exibida no programa da Globo e no MGTV Primeira edição da TV Integração, primeira afiliada da emissora dos Marinho, na região de Uberlândia. Não foi identificado o valor comercial. Como ponto forte, vejo o canal de distribuição da reportagem que levou a história para todo o território nacional. Não vejo ponto fraco já que o trabalho cumpriu seu objetivo que era apresentar para o Brasil o Projeto Pé de Moleque. A reportagem pode ajudar e até integrar o webdocumentário proposto, pois pretendo criar um espaço para vídeos e reportagens ligados ao projeto que foram veiculados na mídia ou em outras plataformas.

4.2.3 Projeto Pé de Moleque – TV Universitária – 03/02/2017

A Figura 3 apresenta a reportagem sobre o Projeto *Pé de Moleque* exibida em um dos programas da TV Universitária, no dia três de fevereiro, de 2017. A TV Universitária é um canal da Universidade Federal de Uberlândia.

Figura 3 - Captura da Tela da reportagem exibida pela TV Universitária da UFU



Fonte: Projeto de... (2017)

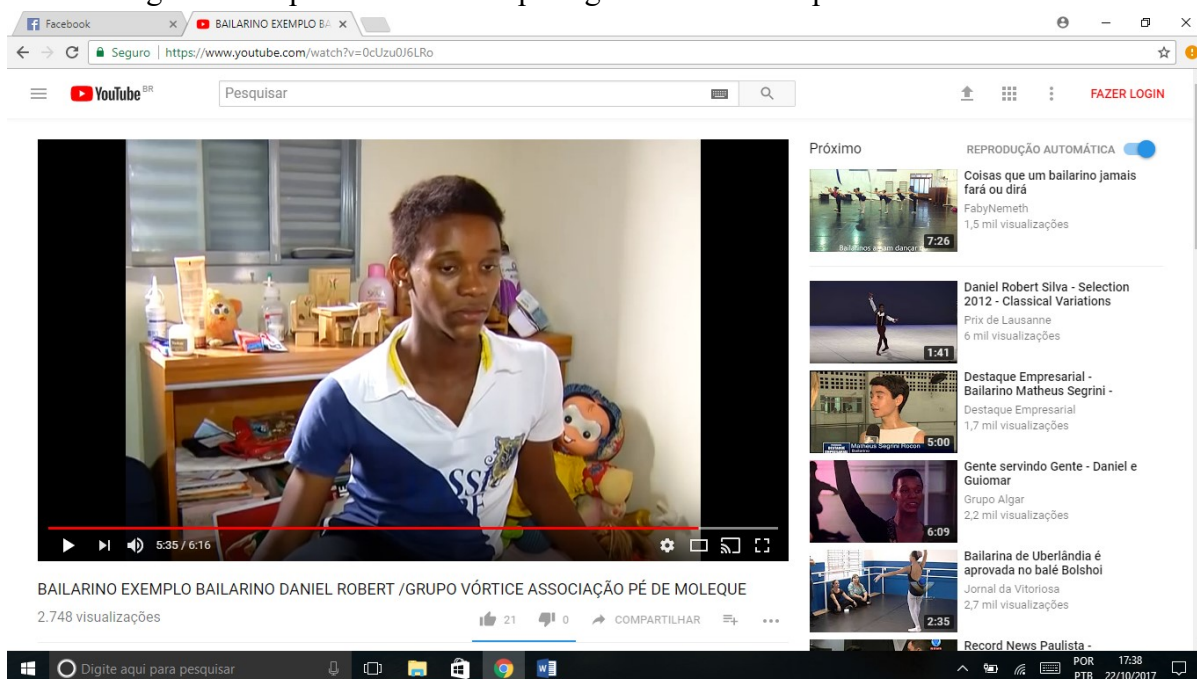
A reportagem destaca a história de jovens que integram o projeto Pé de Moleque e vão participar do Gran Prix de Nova Iorque. O formato é o de reportagem tradicional com texto em off e entrevistas. Nesta a repórter não fez passagem, só participou narrando a história. A

reportagem foi inserida também no canal do Youtube da TV Universitária. Os apoiadores eram os do telejornal naquela época. Não foi identificado o valor comercial. Como ponto forte vejo a escolha do tema que incentiva jovens da periferia a sonhar com uma vida diferente, com uma profissão e reconhecimento em outros países do mundo. Não vejo ponto fraco. A reportagem pode ajudar e até integrar o webdocumentário proposto, pois pretendo criar um espaço para vídeos e reportagens ligados ao projeto que foram veiculados na mídia ou em outras plataformas.

4.2.4 Projeto Pé de Moleque - Reportagem da Band TV

Na Figura 4, é possível observar a reportagem sobre o bailarino Daniel Robert do Projeto *Pé de Moleque*, idealizado pela bailarina e coreógrafa Guiomar Boaventura. A reportagem foi exibida no telejornal local da Band TV de Uberlândia, no dia 27 de fevereiro de 2012.

Figura 4 - Captura da tela da reportagem da Band TV publicada no YouTube



Fonte: Bailarino... (2012)

A matéria conta detalhes da história do Daniel que foi criado pela avó e frequentava um projeto social de Uberlândia chamado LAR. Foi por meio deste projeto que ele chegou ao Pé de Moleque depois de ser selecionado por Guiomar. O formato é o de reportagem que mistura o formato tradicional com plano sequência da repórter. Os anunciantes eram os do

telejornal naquela época. A reportagem foi exibida no programa da Band e colocado também no Youtube. Não foi identificado o valor comercial. Como ponto forte vejo a própria história do bailarino. E como ponto fraco os efeitos da edição logo no início da reportagem que mais parece um defeito. O projeto também poderia ter sido um pouco mais explorado. A reportagem pode ajudar e até integrar o webdocumentário, pois pretendo criar um espaço para vídeos e reportagens ligados ao projeto que foram veiculados na mídia ou em outras plataformas.

4.4 Desenvolvimento do conceito

Depois de pouco mais de um ano de pesquisas, chegou a hora de materializar o que diz a teoria e contar a história do projeto no webdoc *Pé de Moleque – O destino na ponta dos pés*. A principal dúvida, neste ponto, era se o que estava sendo desenvolvido era de fato um webdocumentário e não apenas um site ou portal contando a história do projeto. Para ser um webdocumentário, é necessária uma metáfora¹⁰, uma linguagem poética que conduza a história com um enredo central. Não é apenas um vídeo dentro de um site, mas um site em que o usuário navegue e interaja com a história. Vale ressaltar que, com o webdocumentário em questão, a intenção é abordar sonhos, perspectivas e realizações, e não explorar as dores e histórias tristes de muitos participantes do projeto. O grande objetivo é destacar os exemplos e inspirar outros jovens, crianças e famílias inteiras.

4.4.1 A metáfora que deu origem ao produto

O webdocumentário sobre o Projeto Pé de Moleque retrata que tipo de influência a chance dada a crianças de praticar a dança, de terem contato com a arte e a disciplina pode causar na vida delas. Algumas, por uma série de razões e do cotidiano em que estão inseridas, não tinham uma perspectiva de profissão para o futuro ou nem mesmo um sonho. Revela histórias que mostram os caminhos que a arte pode proporcionar a alguém que nasceu na periferia, oportunidades como o trabalho nas melhores Companhias do mundo. É o balé como instrumento de reconstrução de uma realidade difícil. É o exemplo de meninos e meninas que

¹⁰ Metáfora, como explica a mestre em Linguística Leticia Gomes Montenegro, em um artigo publicado no site da revista Info Escola, é uma figura de linguagem. É a identificação de dois elementos por uma semelhança, por uma característica comum, ou por aproximação (Infoescola - <https://www.infoescola.com/portugues/metфора/>)

têm em comum um passado de dificuldades, mas que, com trabalho, dedicação e disciplina, proporcionados pelo projeto por meio da dança, conseguiram destaque e reconhecimento na sociedade. É o exemplo de alguém que um dia abriu as portas para estas crianças e, 21 anos depois, se viu em meio a profissionais que conquistaram os olhares e admiração de grandes críticos da dança e de responsáveis pelas melhores escolas de balé do mundo. Além de jovens que não fizeram a vida com sapatilhas, mas tiveram nessa experiência o estímulo para empreender e crescer para além da realidade que nasceram.

Foi intencional não explorar ou expor de forma constrangedora as dificuldades e problemas enfrentados pelos jovens bailarinos e suas famílias. A ideia era ter uma narrativa de que eles se orgulhassem e que trouxesse mais esperança que dor para quem vai assistir.

4.4.2 A abertura

Ao digitar o endereço do site onde está o webdocumentário, www.projetedemoleque.art.br/home¹¹ o usuário verá a imagem de um menino jogando bola em um campinho.

Figura 5 – João Victor Percilio na abertura do webdocumentário



Fonte: Pé de Moleque – O destino na ponta dos pés

Depois de alguns toques sozinho na bola, por alguns segundos, esse menino, o bailarino João Victor Percilio para e logo depois tem a transição. Aplica-se uma fusão¹² na imagem e ele aparece com roupas de balé no teatro Municipal de Uberlândia e executa uma

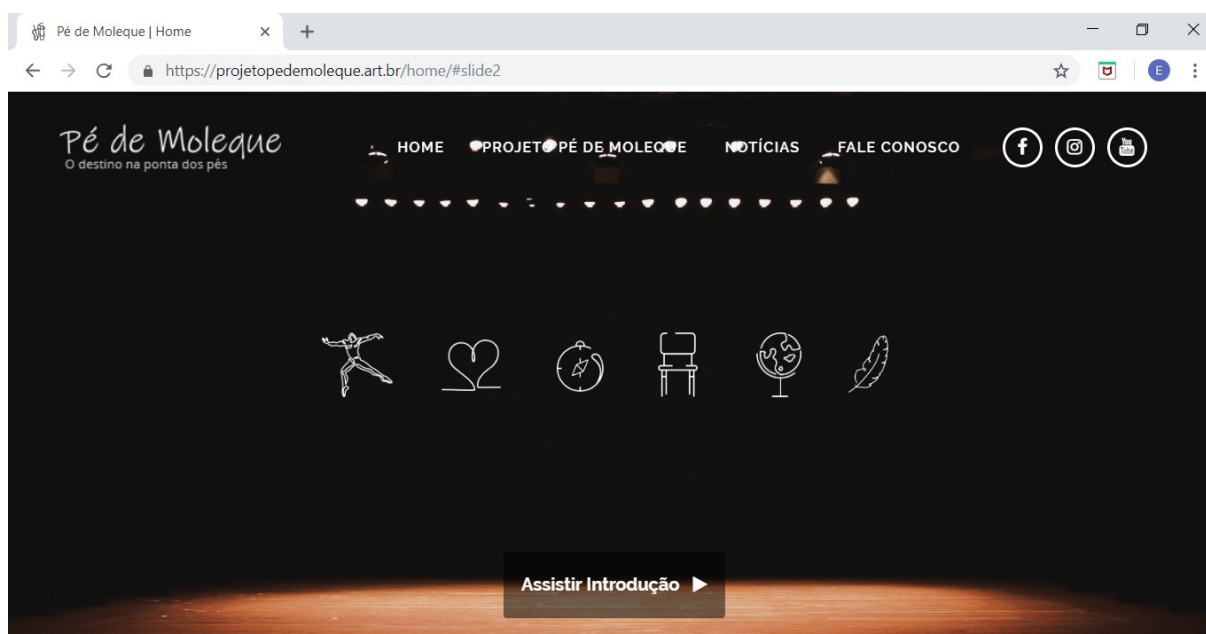
¹¹ Cf. o site já pode ser acessado pelos membros da banca neste endereço. Depois de ser aprovado o usuário não precisará digitar /home para acessá-lo. Os prints de algumas telas do webdoc estão no Apêndice D.

¹² Fusão é um tipo de efeito de softwares de edição em que duas imagens se misturam para dar sequência na imagem seguinte de forma mais agradável para o telespectador.

coreografia solo. Além do João Victor são inseridas também imagens dos outros bailarinos que deram depoimento para o webdocumentário. Ao fim da coreografia, para na posição final da apresentação que ele está fazendo e volta na tela a imagem do palco vazio e iluminado. Neste momento, aparecem na tela elementos ou ícones, que levam às histórias dos participantes do projeto. Foi pensado o início no campinho e a transição para o teatro porque muitos meninos relataram que inicialmente jogavam futebol e depois acabaram se apaixonando pelo balé.

4.4.3 Por onde navegar

Figura 6 – Home do webdocumentário Pé de Moleque – O destino na Ponta dos Pés



Fonte: Pé de Moleque – O destino na ponta dos pés

Depois da abertura, a tela fica estática e, além do palco, aparecem alguns elementos no chão do palco: **o desenho de um bailarino em movimento, um coração, um globo terrestre, uma bússola e uma cadeira vazia.** Quando o usuário passa o mouse na figura do **bailarino**, aparecem as fotos dos dois jovens entrevistados e, em cada uma que clicar, começa o vídeo da entrevista. Quando a escolha é **o coração**, começa um vídeo com depoimentos de alguns pais; quando é o **globo**, dependendo da região que escolher, são exibidas fotos de cada um dos sete bailarinos que moram no exterior, com a informação de onde moram e onde dançam. Se a opção é a **bússola**, é acessada a história, em texto, de pelo menos dois jovens que participaram do projeto, mas que seguiram outros caminhos que não a dança. A **cadeira**

vazia leva à entrevista de Guiomar Boaventura, feita no Teatro Municipal de Uberlândia Cabe aqui explicar que a escolha pela gravação da coreografia de abertura e a entrevista com Guiomar no Teatro Municipal de Uberlândia também têm um sentido. As gravações foram feitas no teatro porque o palco é o “fim” de todo o esforço que estes jovens fazem e também de todo o trabalho de Guiomar Boaventura. Tem ainda um vídeo com os créditos de quem trabalhou na produção. No webdoc, todos os usuários poderão navegar por seis vídeos e uma entrevista em texto. Além deles, na tela principal, ainda serão colocados a data da criação e da última atualização do webdocumentário, um tópico para notícias e links de publicações sobre o projeto, outro para que ex-alunos enviem suas histórias e se reencontrem e um último para o Fale conosco. Então, além da tela principal será descrito também, neste relatório, com mais detalhe, como foram as gravações para cada vídeo.

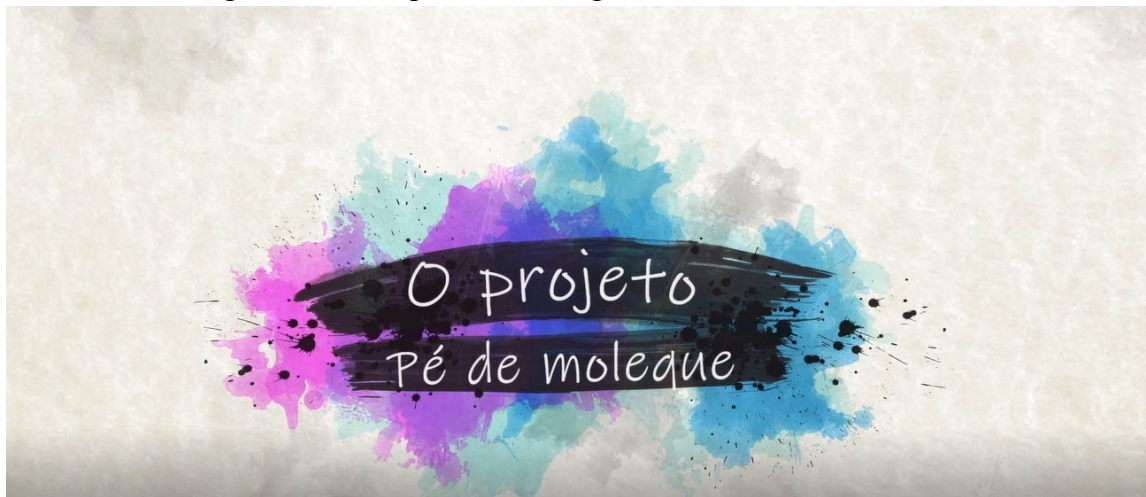
4.4.4 A definição dos ícones

A definição dos ícones foi feita depois de todas as gravações. Cada figura precisava representar o que o espectador/internauta encontraria, mesmo que metaforicamente. Para a escolha do bailarino, do coração, da bússola, da cadeira, Globo terrestre e da pena houve discussão com a orientadora Mirna Tonus e também com o profissional da empresa, Cubo Amarelo, que desenvolveu o layout e navegação do site.

5 DA PRODUÇÃO AO SET DE GRAVAÇÃO

Apesar de já ter iniciado algumas explicações sobre os conceitos e os caminhos pelos quais o usuário pode acessar, cabe neste capítulo detalhar o processo de produção e gravação de cada vídeo que compõe o webdocumentário.

Figura 7 – Exemplo do lettering usado no webdocumentário



Fonte: Pé de Moleque – O destino na ponta dos pés

Para a gravação de cada vídeo, foi preciso pensar no cenário, em como os entrevistados estariam posicionados, se a edição teria apenas as entrevistas ou se usaríamos narração de um locutor entre os depoimentos. Foi preciso definir também se seriam usadas imagens ou fotos para cobrir trechos dos depoimentos. Tudo isso para calcular o tempo de gravação, produção com os personagens¹³, agendamento das gravações e, por fim, a edição.

Para os vídeos, foi contratado um profissional para captação e edição de imagens. A definição dos roteiros, agendamentos, direção das gravações, produção dos locais e entrevistas foram realizados pela criadora do webdocumentário sobre o Pé de Moleque, autora deste relatório.

No geral, foram captadas imagens e entrevistas para edição de seis vídeos. Foi definido, ainda, que os depoimentos seriam editados sem uma narração entre eles. Cada fala complementando a outra e ilustradas com fotos e imagens de arquivo dos entrevistados. Depois das gravações, foi feita a decupagem de tudo o que foi gravado, ou seja, a seleção das melhores falas e imagens para compor os vídeos. Com todas as histórias gravadas e

¹³ Personagem é aquela pessoa de quem se conta a história. Uma denominação comumente usada nos trabalhos jornalísticos.

decupadas, partiu-se para a edição. Depois da edição foi feito o trabalho de programação do site com todos os vídeos e textos produzidos.

5.1 Produção

Depois de uma pré-entrevista com a coordenadora do projeto, foi a vez de definir como a história seria contada. Muitos eram os caminhos possíveis e o primeiro passo foi descobrir o que os bailarinos e bailarinas tinham em comum. Depois de conhecer melhor a realidade deles, como cada um chegou ao balé, foi possível definir algo que representasse o caminho, principalmente dos meninos. Muitos iniciam no futebol, mas, depois de passar por uma audição, acabam dedicando a vida ao balé. O webdocumentário retrata quase que prioritariamente a carreira de meninos, porque a escolha foi dar luz principalmente àqueles que chegaram às melhores escolas do mundo. E lá fora, até agora, são só meninos.

Definido que o webdoc teria a transição do futebol para o balé, e que o foco seriam os bailarinos que estão no exterior, foi a vez de tentar gravar com eles. Dos seis, dois gravaram em passagens por Uberlândia. A todos os outros quatro foi pedido que enviassem vídeos com depoimentos. Apesar da insistência e de prometerem, acabaram não enviando. Além das gravações em vídeo, foram feitas duas entrevistas também com dois ex-bailarinos para publicação em texto. Os pais falaram da mudança dos filhos e Guiomar Boaventura, sobre a história do projeto. As entrevistas com bailarinos e pais foram agendadas na Vórtice, a escola onde os alunos do projeto estudam e que é também da coordenadora e tem mais de 20 anos de história em Uberlândia. Com Guiomar, foi no Teatro Municipal de Uberlândia. A preocupação da etapa de produção foi, principalmente, com agendamentos e locações. Depois de cerca de dois meses de produção, as captações ocorreram entre julho e setembro de 2018, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados.

5.2 Depoimentos

São cinco os vídeos com depoimentos, sendo dois deles com ex-alunos do projeto que atuam no exterior, um com dois alunos que ainda estão no Brasil, um vídeo com os pais e outro com o depoimento da Guiomar Boaventura. Os depoimentos com os alunos foram

gravados no ambiente que eles mais ficam, a sala de aula no Grupo Vórtice em Uberlândia. O local representa o esforço e dedicação deles, já que é onde ocorrem os ensaios diariamente.

5.2.1 Bailarinos que atuam no exterior

Durante as férias de julho de 2018, dois dos bailarinos que atuam no exterior estiveram em Uberlândia. Thiago Vinícius e Daniel Robert voltaram para ver a família e também estiveram com Guiomar Boaventura. Na oportunidade, foi possível gravar com eles para o webdocumentário.

Figura 8 – Cena do depoimento de Thiago Vinícius da Silva para o webdocumentário



Fonte: Pé de Moleque – O destino na ponta dos pés

Thiago Vinícius da Silva¹⁴, que está na **Princesse Grace Académie**, em Mônaco, foi o primeiro a ser entrevistado. Ele tem 16 anos e nasceu em Uberlândia. Faz balé há pouco mais de dois anos e meio. Conheceu o projeto Pé de Moleque enquanto frequentava a Casa do Menor Nova Canaã. Thiago contou que a chance de dançar fora do Brasil veio depois de conseguir uma vaga no Youth America Grand Prix de Nova Iorque e se apresentar. Depois da apresentação recebeu bolsas para estudar em algumas companhias do exterior e acabou escolhendo a Princesse Grace Académie de Mônaco.

¹⁴ Cf. a decupagem completa do depoimento do Thiago Vinícius para o webdoc no Apêndice B.

Figura 9 – Daniel Robert no depoimento para o webdocumentário



Fonte: Pé de Moleque – O destino na ponta dos pés

Daniel Robert¹⁵ atua hoje no **Ballet Nacional da Holanda**, em Amsterdã. No depoimento, ele conta toda a sua trajetória, desde o primeiro contato com o balé. Daniel lembra que sofreu bullying por ser uma criança afeminada aos 10 anos de idade e como foram difíceis os três anos de estudos no Canadá. Fala de tudo que superou dentro e fora dos palcos e destaca como o projeto transformou sua vida e pode mudar a realidade de outras crianças como ele.

5.2.2 - Bailarinos ainda em Uberlândia

Victhor Hudson Costa e **João Victor Percilio**¹⁶ ainda atuam no projeto e no Vórtice em Uberlândia, mas com grandes perspectivas para 2019, inclusive apresentações em Nova Iorque.

¹⁵ Cf. a transcrição completa do depoimento de Daniel Robert para o webdoc no Apêndice B.

¹⁶ Cf. a transcrição completa dos depoimentos dos bailarinos Victhor Hudson Costa e João Victor Percilio no Apêndice B.

Figura 10 – Victhor Hudson e João Victor no depoimento para o webdocumentário



Fonte: Pé de Moleque – O destino na ponta dos pés

Para o webdocumentário, foi feito um único vídeo com os depoimentos dos dois bailarinos. Os trechos foram editados de forma intercalada respeitando o assunto. Ambos começam se apresentando, Victhor Hudson tem 17 anos, mora em Uberlândia e dança há nove anos; João Victor tem 15, também nasceu em Uberlândia e dança há cerca de três anos. No depoimento, os dois falam sobre o primeiro contato com a dança, a importância do projeto na vida deles e também da Guiomar.

Figura 11 – Pais que deram depoimento para o webdocumentário



Fonte: Pé de Moleque – O destino na ponta dos pés

5.2.3 Os pais

Foram convidados para participar do webdocumentário os pais¹⁷ dos jovens que já estavam participando das gravações. **Ana Paula Percilio** – mãe de João Victhor Percilio, **Fernanda Maria Silva** – mãe de Thiago Vinícius da Silva e **Wellington Costa** – pai de Victhor Hudson Costa. Os três contaram como lidam com o preconceito sofrido pelos filhos, a relação da família com o balé e se este foi o futuro que sonharam para os filhos. Os pais ainda responderam perguntas sobre a importância do projeto e da Guiomar na vida deles.

5.2.4 Guiomar Boaventura

No seu depoimento, **Guiomar Boaventura**¹⁸ conta como iniciou o Projeto Pé de Moleque e algumas curiosidades dos mais de 20 anos de história. Além da relação dela com os meninos e famílias.

Figura 12 – Guiomar Boaventura em depoimento para o webdocumentário



Fonte: Pé de Moleque – O destino na ponta dos pés

¹⁷ Cf. a transcrição completa dos depoimentos dos três pais no Apêndice B.

¹⁸ Cf. a transcrição completa da entrevista com Guiomar Boaventura no Apêndice B.

5.2.5 Depoimentos de ex-bailarinos

Dar oportunidade de crescimento pessoal e profissional a crianças e jovens de baixa renda de Uberlândia, no Triângulo Mineiro. Este é o principal objetivo do Projeto Pé de Moleque, declarado pela fundadora e diretora artística Guiomar Boaventura. O projeto nasceu em 1997 dando oportunidade a crianças e jovens através do estudo do balé clássico. Um projeto social do Grupo Vórtice, uma escola de balé com sede em Uberlândia. O projeto teve início quando Guiomar recebeu o pedido de um aluno dela para atender crianças da Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia (Icasu). O atendimento às crianças dessa instituição durou pouco tempo, mas um dos meninos, Welton Lucena, chamou a atenção de Guiomar Boaventura. Ela conta que todos se encantavam porque ele tinha muita alegria quando entrava em cena. E em todas as competições que ela o levou pelo Brasil ele venceu. Depois ele se mudou para São Paulo para tentar uma carreira profissional e de lá atualmente está na Argentina. Welton Lucena foi o primeiro dos cerca de quatro mil meninos e meninas que passaram pelo Pé de Moleque em pouco mais de 20 anos.

Depois da parceria com a Icasu, que acabou terminando, Guiomar foi procurada por outras pessoas e instituições para fazerem parte do projeto e ela passou a fazer audições para selecionar uma quantidade de crianças para ganhar bolsas a cada ano. Desde o início uma exigência para participação no Projeto era que as crianças estivessem matriculadas na escola pública regular. Hoje, o Pé de Moleque tem bailarinos nas melhores escolas de balé do mundo. São bailarinos jovens, com pouco tempo de carreira e que chegaram a posições de destaque no mundo da dança.

No fim de 2018, foram feitas duas novas audições abertas para alunos de todas as escolas públicas da cidade de Uberlândia em que foram selecionados 20 alunos que vão iniciar os estudos no projeto em 2019. O Pé de Moleque passa a ter então 98 alunos. Para entrar no projeto são levadas em consideração a aptidão da criança e a condição financeira dos pais.

Nos últimos anos, o Pé de Moleque tem também um reforço internacional. Os alunos fazem aulas com a fundadora Guiomar Boaventura e também com o professor russo Vladimir Rybyakov. Guiomar e Vladimir trabalham na valorização das capacidades individuais e também encorajam a socialização dos alunos. O foco se divide entre a técnica aprendida com amor e disciplina e o crescimento pessoal dos bailarinos, uma preparação completa para que possam seguir carreira na dança.

O Pé de Moleque já revelou vários jovens que conquistaram os palcos do Brasil e do mundo. Como é o caso do bailarino **Daniel Robert**, que conseguiu bolsa de estudos no Ballet Nacional do Canadá onde se formou e hoje integra o Ballet Nacional da Holanda em Amsterdã. **Victor Caixeta** que graduou na Escola Estatal de Berlim e hoje integra uma das principais companhias de balé do mundo o Ballet do Teatro Mariinsky em São Petersburgo, na Rússia. **Hadriel Diniz** que se formou no San Francisco School e hoje integra o Ballet West em Salt Lake City, nos Estados Unidos. **Victor Hugo Pedroso**, graduado na Princesse Grace Academie em Mônaco e que hoje integra a Companhia Maurice Bejart em Lausanne, na Suíça. **Welton Lucena** graduado no Ballet Vórtice e que atua no Ballet do Centro del Conocimiento na Argentina e o **Thiago Vinicius Silva** que estuda na Princesse Grace Academie em Mônaco. Em 2018 o projeto teve ainda bolsas de estudo oferecidas para João Vitor Percilio e Isabela Alcântara. **João Vitor** venceu a Seletiva Latino-americana para o Prix de Lausanne em 2018 e foram oferecidas bolsas a ele pela Escola Estatal de Berlim, Ballet do Harlem em Nova Iorque, Houston Ballet e Harid Conservatory, nos Estados Unidos. Para Isabella Alcântara foi oferecida uma bolsa de estudos para a Escola Estatal de Berlim.

Nessas duas décadas, o projeto formou não só bailarinos, mas também outros profissionais que não seguiram a carreira nos palcos. São jovens que tiveram um incentivo para estudar e buscar outros caminhos e profissões. Dois destes jovens são o **Murilo Silva** e **Pollyanna Uihôa**¹⁹. Murilo foi bailarino e hoje segue a carreira nos bastidores dos espetáculos como diretor técnico e Pollyana se formou em Odontologia e atua principalmente na saúde pública, atendendo famílias de baixa renda. São eles que contam como o Projeto Pé de Moleque foi importante no desenvolvimento da vida deles.

Figura 13 – Murilo quando dançava e atualmente em depoimento para o webdocumentário



Fonte: Pé de Moleque – O destino na ponta dos pés

¹⁹ Cf. O depoimento completo dos dois, em primeira pessoa, no Apêndice C.

Figura 14 – Fotografias de Pollyana Ulhôa quando dançava e ao se formar



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada

5.2.6 Outros bailarinos pelo mundo

No webdoc, o usuário poderá conhecer os outros bailarinos que estão pelo mundo e que não foram entrevistados quando selecionar o globo terrestre na tela inicial. As fotos são de arquivos pessoais dos bailarinos, publicadas também em mídias sociais.

Figura 15 – Fotos de Hadriel Diniz, Victor Caixeta, Wictor Hugo e Welton Lucena (no sentido horário)



Fonte: Arquivo pessoal dos bailarinos

5.3 Edição dos textos e vídeos

Depois da captação de todo o material bruto, foram realizadas as edições de texto e de imagem. A edição de texto foi feita pela autora do webdocumentário. Para a de imagem, foi contratado o mesmo profissional que fez as gravações operando câmera, iluminação e áudio. Durante a edição, foi preciso definir também as trilhas para sonorização dos vídeos e a paleta de cores e fontes para os letterings. Tanto as trilhas quanto as fontes foram de uso livre²⁰, *royalty free*.

²⁰ As trilhas foram pesquisadas nos sites www.purple-planet.com, www.bensound.com e www.hooksounds.com. Em muitos casos não há informação do autor o site pede apenas a divulgação. Trazem a expressão Free Creative Commons License. Foi possível indentificar as duas músicas da abertura: The Awakening de Philipp Beesen e Aperture de Slowing Inertia.

5.4 Criação de site

O webdocumentário precisa ser hospedado em site próprio. Por isso, foi adquirido um domínio na página *registro.com* (Figura 15). O domínio pode ser comprado pagando um valor por um ano ou mais. Por quatro anos, custa entre R\$ 100 e R\$ 200. Foi comprado o domínio www.projetopedemoleque.art.br.

O domínio foi pago e doado ao projeto. Além do domínio e da hospedagem é preciso criar também o layout e a navegabilidade do site. No caso deste produto o desenvolvimento foi feito pela empresa Cubo Amarelo de Uberlândia. Foram realizadas três reuniões iniciais, depois uma para verificação do site pronto e duas últimas para treinamento da manutenção das informações no site. Para o desenvolvimento foram investidos R\$ 2000,00 também pagos pela autora deste relatório e doado ao projeto. Nas reuniões iniciais os profissionais conheceram qual era a metáfora do webdoc, quais seriam os ícones, as necessidades de navegação e toda a expectativa de como deveria ficar o site. Entre o início e o desenvolvimento foram vários momentos de conversas por email e watsaap também. Depois de tudo pronto foi o momento de treinamento para continuar mantendo o site atualizado.

Figura 16 – Tela de formulário do site Domínio Registro.com

Fonte: Registro.com (2018)

Depois de comprado o domínio, foi preciso contratar também a hospedagem da página, são muitas as opções (Figura 16). Atualmente, o custo da hospedagem fica em média

R\$ 10,00 por mês. A hospedagem foi adquirida no Host Gator (Figura 17) por três anos, no valor de R\$ 258,98 e também doado ao *Projeto Pé de Moleque*.

Figura 17 – Captura da tela do site Tudo sobre hospedagem de sites

#	Empresa	Diferencial	Espaço	Tráfego	E-mail	Preço*	Link
1	HostGator	Melhor hospedagem de sites no Brasil Oferta Especial 50% OFF sabe.mais	100 GB	Ilimitado	Contas ilimitadas	de R\$ 16,99 por R\$ 5,99 <small>Promo 50% OFF</small>	VISITAR SITE
2	GoDaddy	Líder mundial em domínios Excelente Uptime sabe.mais	100 GB	Ilimitado	1 conta (5 GB) 1º ano grátis	de R\$ 27,99 por R\$ 6,99 <small>Oferta Especial</small>	VISITAR SITE
3	locaweb	Líder em hospedagem no Brasil, com recursos generosos sabe.mais	Ilimitado	Ilimitado	25 contas (10 GB cada)	de R\$ 36,00 por R\$ 12,90	VISITAR SITE
4	KINGHOST	Hospedagem no Brasil, com bom custo-benefício sabe.mais	10 GB	Ilimitado	Contas ilimitadas (50 GB total)	de R\$ 21,40 por R\$ 12,50	VISITAR SITE
5	UOL HOST	Hospedagem no Brasil, com grande espaço para e-mail sabe.mais	10 GB	Ilimitado	30 contas (12 GB cada)	de R\$ 17,00 por R\$ 9,90 <small>Oferta Especial</small>	VISITAR SITE

Fonte: Melhor... (2018).

Depois de escolher onde hospedar, foi a vez de contratar uma empresa para desenvolver a programação do site. A empresa foi a Cubo Amarelo, de Uberlândia, e o custo foi de R\$ 2.000, também pago com recursos próprios da autora e doado ao projeto.

6 EXEQUIBILIDADE E APLICABILIDADE

Diante do exposto até aqui, é possível afirmar que o webdocumentário é um gênero que possibilita abordar determinada realidade usando várias ferramentas multimídia organizadas em um único ambiente na internet. E não basta esse conteúdo estar organizado na internet, é preciso possibilitar a interatividade do espectador/leitor com o que foi produzido. Ressalte-se que o webdocumentário não é um amontoado de seções como um site, ele precisa de um enredo, uma metáfora que conduza a história. Isso para que, na prática, não se torne um site ou portal e seja sim um webdocumentário. E que a história a ser contada tenha sentido independentemente por onde o espectador/leitor comece a conhecê-la ou navegue.

Uma facilidade é que a gravação e a edição não exigem equipamentos de ponta. Atualmente, são muitos e acessíveis os equipamentos, softwares e aplicativos que possibilitam captação e edição de vídeos em alta definição. Muitas vezes, o celular é uma ferramenta eficiente. Na prática, é preciso ter atenção em como contar a história, na produção e na edição e em como deixá-la exposta ao mundo hospedada em algum local para acesso dos internautas. Para o webdocumentário em questão, a autora optou por contratar uma empresa para desenvolvimento do site onde está o webdoc, mas existem no mercado atualmente diversas ferramentas gratuitas que possibilitam o desenvolvimento de sites.

O público-alvo do webdoc são os próprios bailarinos, familiares, interessados em praticar o balé e fazer parte do projeto Pé de Moleque, todos os interessados em conhecer a história, seja do mundo da dança ou não, e principalmente interessados em patrocinar uma iniciativa assim. Público que pode ser acessado através das mídias sociais.

Embora o webdoc tenha sido desenvolvido com recursos próprios, existem algumas formas de viabilizá-lo financeiramente também, entre elas, fazendo parceria com profissionais que desenvolvem cada parte do webdoc ou procurando patrocínio.

Na sequência, será detalhada a distribuição cronológica das etapas realizadas no desenvolvimento do webdocumentário, a fim de demonstrar o período necessário para uma produção como a apresentada. Além disso, serão indicados também os custos do projeto.

O webdocumentário foi planejado para ser desenvolvido durante um ano, levando em consideração a disponibilidade das pessoas que dariam entrevista, da autora deste projeto, do editor e da empresa contratada. Para quem pode se dedicar em tempo integral a gravações, edições e desenvolvimento do site, é possível fazer em, no máximo, seis meses. Destes, três serão usados para as gravações, um para a edição e dois para o desenvolvimento do site. Estes

prazos estão sendo colocados aqui com base na experiência do desenvolvimento deste webdocumentário.

6.2 Custo

Projeto: PELOS PALCOS DO MUNDO: UM OLHAR SOBRE O PROJETO PÉ DE MOLEQUE EM UM WEBDOCUMENTÁRIO						
Etapa	Serviços	Unidade	Quantidade	Valor Unitário R\$	Valor Total	Total da Etapa
1.1	Preparação/Produção/Execução					R\$ 18.570,00
	Produtor	Serviço/diária	10	150,00	1.500,00	Elaboração própria
	Cinegrafista	Serviço/diária	10	200,00	1.000,00	
	Técnico de áudio	Serviço/diária	04	250,00	1.000,00	Elaboração própria
	Repórter	Serviço/diária	10	200,00	2.000,00	Elaboração própria
	Editor de imagens	Serviço	1	2.000,00	1.000,00	
	Assistente de produção	Serviço/diária	10	400,00	4.000,00	Elaboração própria
	Desenvolvedor Site Webdocpedemoleque.com.br	Serviço	1	2000,00	2.000,00	
	Editor de texto	Serviço	1	1.500,00	1.500,00	Elaboração própria
	Combustível	Tanque	03	150,00	450,00	
	Locação de equipamento (câmera, luz..)	Verba/diária	10	400,00	4.000,00	
1.2	Defesa Mestrado					R\$ 120,00
	Cópias do Relatório Técnico-Científico do Produto	Unidade	04	30,00	120,00	
TOTAL:						R\$ 18.570,00
Obs.: Toda a pesquisa, produção e finalização foi custeada pela autora.						

Importante reforçar que o webdocumentário é uma ferramenta proposta aqui para divulgação de projetos ou instituições, mas, caso esses projetos ou instituições não tenham condição de arcar com os custos, precisam procurar patrocínio para a realização.

Ainda no caso deste webdoc sobre o Projeto Pé de Moleque será feito o lançamento oficial durante o Prêmio da Dança de Uberlândia em julho de 2019. Não haverá custo para este lançamento já que o prêmio é organizado pelo Ballet Vórtice.

REFERÊNCIAS

- ALÉM do mapa. 2016. Webdocumentário. Disponível em: <<https://beyondthemap.withgoogle.com/pt-br/beyond-the-map/>>. Acesso em: 3 fev. 2018.
- ALONSO, Roberto. **A comunicação e o terceiro setor**. 25 jan. 2014. Publicado na seção Comunicação e Marketing. Disponível em: <<http://observatorio3setor.org.br/colunas/roberto-alonso-comunicacao-e-marketing/a-comunicacao-e-o-terceiro-setor/>>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- AMARAL, Inês Albuquerque do. **A interatividade na esfera do ciberjornalismo**. 2005. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/_esp/autor.php?codautor=1377>. Acesso em: 13 fev. 2018.
- ANDRADE, Miriam Gomes Vieira de. **Organizações do terceiro setor: estratégias para captação de recursos junto às empresas privadas**. 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/82588/186659.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 6 fev. 2018.
- BAILARINO exemplo. Bailarino Daniel Robert. Grupo Vórtice. Associação Pé de Moleque. Publicado por Wesley Miranda Marques. 27 fev. 2012. 1 vídeo (6 min 16), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0cUzu0J6LRo>>. Acesso em: 3 fev. 2018.
- BAUER, Marcelo. **Os webdocumentários e as novas possibilidades da narrativa documental**. 2011. p. 91-99. Disponível em: <http://webdocumentario.com.br/Os_webdocument%C3%A1rios_e_as_novas_possibilidades_da_narrativa_documental_Marcelo_Bauer.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- BECOMING Human. Produção de The Institute of Human Origins (IHO). 2009. Webdocumentary. Disponível em: <<http://www.becominghuman.org/node/interactive-documentary>>. Acesso em: 21 abr. 2018.
- CAMINHONEIRAS. Produção e direção de Ailime Kamaia e Luzimary Cavalheiro. 2012. Webdocumentário. Disponível em: <<http://webdoccaminhoneiras.wix.com/site/home>>. Acesso em: 21 abr. 2018.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.
- DA-RIN, Sílvio. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.
- DOC ON-LINE: Revista Digital de Cinema Documentário. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2006- . Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/editores_port.html>. Acesso em: 17 jan. 2018.

EU sou Amazônia: uma experiência interativa entre você e a floresta. 2017. Webdocumentário. Disponível em: <<https://earth.google.com/web/@-5.671904,-61.513556,68.15192129a,5000000d,35y,0h,0t,0r/data=Cj8SPRIgN2IxOGI1NTcyYjRhMTFlN2E5MGlxZmI3OTk1MDNkMmUaC0kgQW0gQW1hem9uIgxzcGxhc2hzY3JlZW4>>.

Acesso em: 3 fev. 2018.

FILHOS do tremor: crianças e seus direitos em um Haiti devastado. Direção de Marcelo Bauer e Cross Content. 2010. Webdocumentário. Disponível em: <<http://www.webdocumentario.com.br/haiti/>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

FORA da escola não pode! 2014. Webdocumentário. Disponível em: <<http://www.foradaescolanaopode.org.br/home>>. Acesso em: 3 fev. 2018.

GENTE servindo gente: Daniel e Guiomar. Publicado por Grupo Algar. 17 set. 2014. 1 vídeo (6 min 8), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nRcL3ABMIZs>>. Acesso em: 3 fev. 2018.

GIFE. Salamon avalia os quatro desafios do terceiro setor e propõe mais um. 7 out. 2002. Disponível em: <<https://gife.org.br/salamon-avalia-os-quatro-desafios-do-terceiro-setor-e-propoe-mais-um/>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

GAUNDEZI, Sandra. **The living documentary: from representing reality to co-creating reality in digital interactive documentary.** 2013. Thesis (Doctoral of Philosophy) – University of London, London, 2013. Disponível em: <http://research.gold.ac.uk/7997/1/Cultural_thesis_Gaudenzi.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2018.

JENKINS Henry; GREEN Joshua; FORD Sam. **Cultura da conexão.** São Paulo: Aleph, 2014.

KOTLER Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. **Marketing 4.0: do tradicional ao digital.** São Paulo: Sextante, 2017.

LAKATOS, Imre. **La metodología de los programas de investigación científica.** Madrid: Alianza, 1989.

LEVIN, Tatiana. Do documentário ao webdoc: questões em jogo num cenário interativo. **Doc On-Line: Revista Digital de Cinema Documentário**, Covilhã, n. 14, p. 71-92, ago. 2013. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/14/dossier_tatiana_levin.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2018.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção.** São Paulo: Summus, 2012.

MAGRINI, Vagner de Oliveira. **Potencialidades e desafios da comunicação pública pelo terceiro setor: um estudo a partir da plataforma Ituiutaba Lixo Zero.** 2017. Dissertação (Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19205/1/PotencialidadesDesafiosComunicacao.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

MANOVICH, Lev. A visualização de dados como uma nova abstração anti-sublime. **a/e**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais Eba/UFRJ, p. 135-143, 2004. Temática.

MELHOR hospedagem de sites: ranking abril 2018. 1 abr. 2018. Disponível em: <<https://tudosobrehospedagemdesites.com.br/ranking-melhor-hospedagem-de-sites/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

MIÈGE, Bernard. **A sociedade tecida pela comunicação**: técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social. São Paulo: Paulus, 2009.

UMA MISSÃO de fé, amor e caridade. Produzido por João Fábio do Monte da Anunciação, Luciana Marília de Rezende, Mariana Gondim dos Reis e Sílvia Ester da Silva. 2009. Webdocumentário convergente apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade de Uberaba. Disponível em: <http://www.revelacaoonline.uniube.br/lar_caridade/index.html>. Acesso em: 3 fev. 2018.

OLIVEIRA, Luiz Fernando; VARASQUIM, Marcela. Webdocumentário: múltiplas narrativas para o envolvimento com a realidade. LONGHI, Raquel; PAULINO, Rita (Org). **Gêneros e formatos no ciberjornalismo, estudos e práticas**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 161-180.

PENAFRIA, Manuela. Webdocumentário: interatividade, abordagem e navegação. In: FIDALGO, António; CANAVILHAS, João. (Org.). **Comunicação digital**: 10 anos de investigação. Lisboa: Minerva, 2013. p. 151-164. (Livros LabCom). Disponível em: <http://www.labcomifp.ubi.pt/ficheiros/20140930-201308_10anos_labcom.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2018.

PROJETO DE dança Pé de Moleque. Publicado por TV Universitária de Uberlândia. 3 fev. 2017. 1 vídeo (2 min 57), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sC7KVe59kvc>>. Acesso em: 3 fev. 2018.

PROJETO 'Pé de Moleque' promove a inclusão através da dança. Matéria exibida no Programa Como será? da Rede Globo. 27 set. 2014. 1 vídeo (4 min), son., color. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3656873/>>. Acesso em: 3 fev. 2018.

RECUERO Raquel. **A conversação como apropriação na Comunicação Mediada pelo Computador**. Pelotas: Ed. UFRGS, 2009.

REGISTRO.COM. Disponível em: <<http://registro.com/>>. Acesso em: 3 fev. 2018.

RENÓ, Denis. Diversidade de Modelos Narrativos para Documentários Transmídia. Disponível em: <http://doc.ubi.pt/14/dossier_denis_reno.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019.

SANTOS, Adriana Cristina Omena dos. **Reflexões sobre a convergência tecnológica**: a TV digital interativa no Brasil. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/santos-adriana-tv-digital-interactiva-no-brasil.pdf>>. Acessado em: 6 maio 2017.

SILVEIRA, Fernando Lang da. A metodologia dos programas de pesquisa: a epistemologia de Lakatos. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 219-230, 1996.

SOM dos sinos. Direção e concepção de Márcia Mansur e Marina Thomé. 2015. Webdocumentário. Disponível em: <<http://webdoc.somdossinos.com.br/>>. Acesso em: 3 fev. 2018.

SOUZA, Lorene. **Webdocumentário, documentário interativo**: a produção documental interativa no suporte digital. 2017. Dissertação (Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/20319/1/Webdocument%C3%A1rioDocumentarioInterativo.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

RIO DE JANEIRO: autorretrato. Direção de Marcelo Bauer. 2011. Webdocumentário. Disponível em: <<http://www.riodejaneiroautorretrato.com.br/>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

APÊNDICE A - Entrevista com Guiomar Boaventura

Gravada em maio de 2017.

1 Então me conta do Pé de Moleque, como é que foi o início?

Em 97 eu tinha uma turma aqui na Escola, de pessoas adultas e tinha um rapaz que fazia Teatro e ele trabalhava numa Instituição com alguns meninos. E ele estava tendo muita dificuldade com disciplina. Enfim, ele estava tentando uma maneira de chegar no coração dessas crianças pra ajudar na formação delas. E ele me perguntou se eu não gostaria de ajudar, se não poderia trazer os meninos aqui na escola, que a instituição ia disponibilizar uma combi pra trazer os meninos. Então os meninos começaram a vir. Se você me perguntar o nome desse rapaz eu não lembro. E esses meninos vieram um tempo, mas, e aí eles começaram a gostar de fazer as aulas e tal. Só que eles eram muito custosos igual todos os meninos são, mas eles eram um pouquinho mais. E aí todas as coisas erradas que eles faziam, então a punição era não ir pro balé. Até que isso foi começando a ficar muito frequente e engraçado porque isso acontece em todos os níveis. Quando a criança começa a gostar do balé eles punem a criança. Ah, então você não fez a tarefa então não vai ao balé. Ah, você brigou com seu irmão, então não vai ao balé. Então isso não era diferente nesta instituição. Mas, depois, eles não tinham mais condição de trazer as crianças nessa Kombi eu não sei porque, não sei se foi por alguma restrição econômica, eu não me lembro mais, já faz muito tempo e eu não sou muito de guardar, mas eu lembro que tinha um aluno, ele tinha muita dificuldade no balé assim, mas ele era muito nervoso, muito agitado assim. E eu fiquei com a imagem desse menino na minha cabeça. E eu falei, não eu vou lá na casa dele. E aí eu não me lembro, mas nessa época parece que ele morava com a avó e a mãe dele trabalhava varrendo rua. E o pai dele ele só foi conhecer mais tarde também. E aí eu fui e me propus a ajuda-lo com passe de ônibus e não foi por habilidade física, não foi por, “ai nossa ele vai ser um lindo bailarino, tem um perfil maravilhoso pro balé”, não. Eu só não parava de pensar nele. Depois ele veio fazer aula, acabou sendo um menino muito disciplinado, tem uma carreira profissional.

2 É o Welton?

É o Welton Lucena. E ele era um menino que todo mundo encantava com ele. Porque ele tinha muita alegria quando entrava em cena. E tudo que eu levei esse menino no Brasil, em todas as coisas, todas as competições, ele ganhou todos os prêmios que ele podia ganhar. Depois ele se mudou pra São Paulo pra tentar uma carreira profissional e de lá ele foi pra Argentina. E aí o projeto, então na verdade, ele foi o primeiro aluno assim que seguiu e depois mais tarde.

3 E aí você já chamou de Pé de Moleque?

Chamei de Pé de Moleque atendendo essas crianças que vinham da Icasu. E aí depois as pessoas começaram a me procurar pra esse projeto e eu coloquei um critério, que era estudar e estudar em escola pública e a gente decidiu uma faixa etária que era entre 7 e 12 anos.

4 E você cobrava uma mensalidade?

Não, dos meninos do projeto não, nunca, nada. Sempre foi um projeto totalmente gratuito.

5 Então de 97 para cá já são 20 anos. Você tem noção de quantos meninos passaram de lá para cá?

Nossa, muita gente passou por esse projeto. Eu deveria registrar essas coisas. Acho que já passaram umas quatro mil crianças. Esses dias a gente estava computando essas coisas, umas quatro mil crianças já passaram por esse projeto.

6 Vamos falar daqueles que despontaram mesmo. Porque muitos passaram por aqui e o projeto ajudou no crescimento, mas alguns têm carreira internacional?

Tem alguns que hoje são donos de escolas, outros que estão em outras profissões assim que não tem nada a ver com a arte, mas que sempre me agradecem por terem passado por esse projeto e o tanto que isso mostrou pra eles que eles podiam assim. Não sonhavam em fazer uma faculdade sabe e que o projeto foi estimulando isso que eles também podiam fazer isso.

7 Muitas crianças que vivem na periferia às vezes eles dão continuidade naquela vida que os pais tiveram porque eles não veem uma oportunidade diferente. Você acha que trazê-los aqui, trazê-los pra uma região Central da cidade e mostrar a música, a arte, isso também faz diferença?

Isso pra mim chama inclusão, pra mim, na minha cabeça. Eu lembro que uma vez eu fiz seleção pro Projeto Pé de Moleque e vieram os pais e eu perguntei e muitas crianças não tinham vindo no centro da cidade, mas aqui do lado tem um Bretas e eles foram passear no Bretas. Eles acham bacana ir passear no Bretas. Então, eu assim no começo as pessoas rejeitaram muito, não aceitavam as crianças, hoje é um pouco diferente. Ainda tem um certo preconceito, mas já é muito menor.

8 Nesses 20 anos imagino que você tenha várias histórias que te emocionaram muito. Mas, primeiro vamos falar de cada bailarino. Além do Welton, de quem mais você lembra?

Acho que o Adriel, que dança no Ballet West, em Salt Lake City, no Estado de Uta, nos Estados Unidos, que começou neste projeto também. Os pais são de Uberlândia. O pai já morreu, foi assassinado acho, e a mãe mora em Uberlândia.

O Vitor Hugo que formou em Mônaco e hoje dança na Companhia do Maurice Bèjard, a Bèjard Ballet Lausanne. Até essa semana está fazendo uma tournée no Japão.

O Daniel Robert que está na Holanda e dança em Amsterdã, no Dutch National Ballet.

O Victor Caixeta que está no Ballet do Teatro Mairiinski em São Petersburgo, na Rússia.

E agora em janeiro está indo o Thiago pra Mônaco. Foi selecionado para o Prix de Lausanne. O único brasileiro selecionado pra essa edição agora, que vai acontecer no início de 2018, mas que da qual ele não vai participar porque ele ganhou uma bolsa pra Mônaco já com tudo pago e eu achei desnecessário. Pra mim seria uma visibilidade maravilhosa, mostrar essa escola, ninguém no Brasil conseguiu, Lausanne eles já te colocam entre as 15 melhores escolas do Mundo.

9 Quais destes meninos foram para o Prix?

Foram dois, o Daniel e o Victor Caixeta. E o Daniel, quando eu levei ele pro Prix eu pensei assim: Estavam na idade o Adriel e o Daniel. O Adriel sempre foi muito bonito. Era um menino que eu chegava com ele nos lugares ele nem dançava e as pessoas já ficavam encantadas com ele. Um rapaz muito bonito, com 16 anos ele parecia um Apolo. Eu lembro que esse ano eu levei ele para o Youth America Gran Prix e ele foi finalista e dançou no Lincon Center foi Top Twelve, ficou entre os 12 melhores da competição, ganhou bolsa completa para o São Francisco Ballet e assim, todos os diretores atrás do Adriel. Todo mundo querendo negociar bolsa pra ele, todos enlouquecidos com ele. E eu lembro que ele chegou no Lincoln Center, o teatro lotado, porque era final do Youth America Gran Prix e ele preparou, ele fazia um ballet que dança de sunga,

quando ele fez a preparação, eu estava na coxia, porque ele, rapaz enorme, um metro e noventa ele falou tia não sai daqui não, por favor. E aí eu lembro que ele preparou e o teatro inteiro começou a gritar e aplaudir. Eu olhei para as pernas dele e estavam tremendo. Acho que ele não esperava aquela reação da plateia. Eu lembro que depois da apresentação dele, a gente sai por trás assim do Lincoln Center pra encontrar com as pessoas que tinham outros alunos que estavam lá, eu demorei uns 40 minutos pra sair lá dos bastidores e chegar na porta do Teatro de tanta foto que esse menino tirou. Com as chinesas, com as americanas, com todo mundo. Então nesse ano que eu levei o Dani no Prix de Lousanne eu falei ah, não vou levar o Adriel porque eu tinha medo do Adriel tirar a chance do Dani. Porque eu já achava que o Adriel já estava muito bem encaminhado ele não ia ter dificuldade nunca, nenhuma. Tudo que ele quisesse na dança eu achava que ele ia conseguir porque tudo vinha muito fácil pra ele. Ele abria um sorriso e as pessoas derretiam pra ele. E eu tentei meio que proteger o Dani. Hoje eu acho que isso foi uma grande bobagem, o Adriel poderia ter ido também porque o Daniel é um grande artista o valor dele não estava nesta proteção não, ele daria conta do recado.

10 Ele também é lindo dançando.

Ele me mandou um vídeo ontem ou anteontem porque agora, na Europa acho que alguns segmentos da sociedade estão preocupados com a diversidade, né. Do mesmo jeito que vejo algumas pessoas reacionárias, preconceituosas, totalitárias assim, tem um outro tipo de gente preocupada com a inclusão. E o Daniel tem participado muito dessas ações na Europa. Teve um encontro, tem um programa de televisão muito famoso na Europa e não adianta perguntar que eu não vou lembrar o nome (risos). E é só de mulheres, prêmio Nobel da Paz, de gente muito importante, e eles convidaram ele pra dançar. Aí ele me mandou o vídeo. Aí ele falou pra mim: Ah, o que você achou? E eu brinquei com ele que tem uma música inglesa que fala *God it Looks like Daniel*, ele até riu assim. Porque é tanta beleza é tanta plasticidade né que eu acho que ele tão jovem já ter encontrado assim um motivo pra ser parte dele, de isso ser transformador. Hoje eu penso assim: um menino negro ele fala assim: Eu posso ser solista no Dutch, que é uma das grandes companhias mundiais. Outro vídeo que ele me mandou essa semana, porque eles mandam pra eu corrigir, pensa. Eles estudam com os melhores professores e assim, enquanto eu não falo se tá bom ou não eles não sossegam. Todos a mesma coisa. E ele mandou o vídeo de um ensaio, eles vão fazer o balé A Bela Adormecida, que é um clássico de repertório e o Dutch tem uma grande produção desse balé. Bem diferente das outras que já existem de outras companhias e ele me mandou um vídeo ele ensaiando Desirè, o príncipe Desirè. Então é um papel que sempre foi dançado por bailarinos brancos, loiros então acho assim que ele está mostrando pra outras crianças que elas podem sonhar com isso também. Do mesmo jeito que tem uma bailarina negra ela se chama Michela de Prince, eu acho que as meninas podem sonhar cm isso. Eu sempre brinco com eles assim: personagem não tem cor. Eu lembro de uma frase, que eu acho que era da Marília Pêra, que ela interpretou a Maria Callas e ela dando uma entrevista que ela não era obrigada a cantar como a Maria Callas cantava, eu sempre dou esse exemplo para as meninas e os meninos, eles têm que interpretar. Falo: Você não é aquela pessoa.

11 Sempre são meninos que despontam mais no pé de moleque, que coincidência, né?

Eu penso assim, as meninas no Brasil têm um problema com a educação delas, independente da classe social. Por exemplo, tem um grupinho agora de júnior, de meninas bem talentosas, inclusive tem a Ana Luiza Moraes Sartini, premiada em Nova Iorque, medalha de ouro em Joinville, que eu falo: Ah Sartini, eu trato você igual aos meninos. As meninas, eu não sei, tem um problema com a educação delas. Esse problema de chegar aos 14, 15 anos e quando é de uma

classe social muito baixa namora pra casar ou já envolve com algum rapaz e da classe média pra cima os pais implicam com o balé, não aceitam isso como opção querem que elas façam outras coisas ou então elas não aceitam o desafio. Porque eu acho que o balé você tem que aceitar o desafio ou você tem que ter muito talento ou você tem que aceitar o desafio. E eu acho que tem uma geração de meninas que eu tô trabalhando com elas que tem um futuro muito bonito. Mas, dessas outras assim, tem a Luiza que é minha filha e é bailarina profissional, tem a Luciana Davi que não fez uma carreira internacional, mas que está na São Paulo Companhia de Dança. Mas, e pensar que é mais fácil para meninos, não é não. Tanto que o Thiago é o único menino brasileiro.

12 Nos últimos anos, no Prix de Lausanne, às vezes quando tem brasileiros são somente os integrantes do projeto Pé de Moleque. Como você se sente?

Essa agora do Thiago, ficaram na final ele e um menino que está se formando na escola do Bolshoi de Joinville e a vaga foi para o Thiago, que tem dois anos de balé.

13 O Thiago tem dois anos de balé e vem de uma instituição. Não é diminuindo, mas ele não está numa grande estrutura, como você se sente?

E o que me impressiona não é isso. O mais impressionante que eu acho é que o Thiago emagreceu 11 quilos quando ele entrou no projeto. Eu falei: ah! Thiago você tem um porte tão bonito, mas você é um pouco gordinho, vai ter mais dificuldade. Só falei isso. Não falei você tem que emagrecer se quiser ser bailarino. Ao longo de um ano mais ou menos ele perdeu 11 quilos. Eu nunca falei pra ele isso. E, por exemplo, as meninas têm muito problema com isso.

14 Então acho que talvez seja isso, os meninos encaram isso como a única chance da vida, né?

Eu não sei, por exemplo, eles são muito inteligentes. O Daniel se formou no Canadá e ele poderia com o apoio que ele teve lá fazer outra coisa. Ele conseguiria qualquer outra coisa lá. Ele só foi alfabetizado aos 11 anos e quando ele se formou no ensino médio, lá no Canadá, foi a maior nora, né. Ganhou um prêmio de dois mil dólares na escola, então eles são muito inteligentes. Então eu acho assim, é muito mais difícil do que passar em medicina, eles sabem disso. Quando ele fez audição do Dutch eram 650 candidatos e foram dois contratos. É mais difícil que um vestibular.

15 Se fosse um curso de graduação estamos falando de 4000 alunos sendo que cinco em carreiras internacionais, nas melhores Companhias do mundo. É uma grande aprovação, né?

É, eu acho que, por exemplo, Victor Caixeta dançar no Teatro Mairiinski, é como se eu tivesse uma escola e meu aluno fosse pra Harvard. Você colocar alunos, assim, no tabuleiro internacional, e às vezes com muito pouco tempo né, de estudo, de balé. O Victor, quando ele foi pra Lausanne, ele ganhou 18 bolsas de estudo. Todo mundo queria esse menino. E ele tinha três anos de balé.

16 Então o que você acha, assim, a Guiomar tem algo de diferente?

Não, acho que o Brasileiro tem algo de diferente. Eu uso o método Russo memo. É o método que mais me encanta porque é muito artístico. Em nenhum momento da aula você fala de perna, de pé, mas você fala da música, da expressividade. Seu corpo está ali trabalhando, em algum momento você vai ter uma estética bacana, que você vai conseguir traduzir uma música de um mestre como o Tchaikovsky tão bem através do seu corpo. Isso me encanta muito no método russo.

17 Eu me lembro que teve uma época que o método do Royal Ballet virou uma febre, né?

Acho que o Royal eles são muito honestos com o método deles, lá no site fala: este método é pra quem não quer dançar balé profissional. Eles são muito honestos. Mas, no Brasil isso é vendido como se fosse um método para formar bailarinos. Se você for lá no interior da Bahia, na cidade mais longínqua os examinadores do Royal vão lá. A examinadora do Royal no Brasil é muito gabaritada, é minha amiga, mas ela mesmo fala não formam bailarinos. Por exemplo, em Hong Kong ela dá esses exames, dá esses exames no mundo inteiro pra aquelas meninas que estudam muito, a escola lá é muito difícil, muito apertado, elas fazem balé uma vez por semana. E aí tem aquela aulinha do Royal bem simples, bem rudimentar, pra essas pessoas que fazem balé como atividade extracurricular.

18 Voltando ao Pé de Moleque, se formos comparar com uma escola regular você tem bailarinos nas melhores companhias do mundo. Em algum momento o projeto teve Patrocínio?

Não, nunca tive patrocínio no projeto Pé de Moleque. Eu já fui durante três anos Ponto de Cultura, do Ministério da Cultura. Isso beneficiou muito o projeto Pé de Moleque, de que maneira, eu tive um piso menor, pude comprar uma televisão e um vídeo, um som melhor. Então assim, ser ponto de cultura me ajudou nisso. Era um valor anual, acho que eram 60 mil reais anuais. Eu tive durante três anos e com isso a gente pode montar espetáculo com cenários, alguns figurinos que são caros. Se você falar que fez uma montagem de um espetáculo de repertório, como eu fiz Quebra-Nozes, Gisele e outros com 60 mil reais é ridículo, né, mas pra nós foi assim, nos sentimos muito ricos né.

19 E depois?

Não existe mais este projeto, ou está parado. Eu fui durante três anos, mas dá muito trabalho, prestação de contas, muito burocrático. Eu tive patrocínio da Algar e do Instituto Alair Martins em alguns momentos. Por exemplo, eventos: Prêmio de Dança, às vezes em algum momento que eu fui para os Estados Unidos, alguma passagem para os meninos. Não passagem completa, mas uma ajuda, o Instituto Alair Martins, sempre me atenderam muito bem em relação aos meninos assim.

20 E hoje, qual a situação atual do Pé de Moleque?

Hoje a situação é igual sempre. Eu trabalho 14 horas todos os dias. E tento com as coisas que eu faço fora do meu trabalho cotidiano, cursos fora, palestras em outras cidades, que é de onde eu tenho tirado dinheiro pra esse projeto.

21 E são quantos alunos hoje? Só naquela Instituição?

Hoje temos cerca de 130 alunos. De várias Instituições. Uma coisa que me encanta na Casa do Menor é assim. Elas me falam: Você vai selecionar aqueles que têm aptidão. Eles têm essa visão. A instituição oferece várias outras coisas: natação, esporte, a informática e tem as pessoas que ajudam as crianças nas tarefas de casa e tudo assim com muito cuidado. Então eu não preciso dar aula para aquelas pessoas que não gostam de balé. Porque a criança que não tem aptidão, ela vai sofrer. Eu acho assim, o dom artístico primeiramente é pra se comunicar com o mundo. Pra se comunicar com o mundo através dele. E se aquele não é um veículo de comunicação para a criança vai ser muito sofrido. E na maioria das vezes quando eu fiz projetos, as pessoas estão preocupadas com números. Eu vejo isso quando o projeto tem apoio dos governos ou de políticos. Eles querem números e lá uma coisa que me seduziu mesmo de trabalhar com eles foi isso. Não,

you can choose. In reality, people are not those who have more physical ease. It is those who have more desire. It is the desire that will cross your body and change what you want.

22 Então você ainda faz as audições anuais?

This year I didn't do an audition because everyone did an audition at Casa do Menor, so I didn't do an open audition, but normally I do an annual audition. When there are vacancies, when I see that I can attend well. Because it doesn't advance you to put a student. To turn a deposit of children, né. You have to feel that you can really contribute to the formation of this child at some point.

23 E ao longo desses 20 anos a história do Vórtice acabou fundindo com o Pé de Moleque?

It is because in reality the Vórtice has a different profile from other companies. Because the people who pay, they pay as much as they can. There is no fixed monthly fee. So it ends that the people, in most cases, have 50, 60, 70 percent of a scholarship. I honestly don't know how I got here (laughs).

24 O Vórtice está fazendo 25 anos, sempre aqui em Uberlândia. E você veio pra Uberlândia e logo montou o Vórtice com um grupo de meninas mais velhas?

It was a group that had a professionalizing job, let's say that. Professional is something later. I don't have that pretension. I love being a school. Everyone asks me, and the group? You, people, what group? Group is a name. I love this, of this word, amateur, sabe. Do you love what you do. And professionals are those people who are in companies, working, who have a school, who give classes.

25 E pelo Vórtice você acha que passaram quantas pessoas?

Ah, I don't know. I am very old in this profession (laughs). I meet so many people who talk like this: I was your student. And there is always a student who knows people who were my students. I don't know. I never worried about this in reality. I worry a lot about this meeting that I have at the door of the classroom. I play with them: if I couldn't go to the theater to see you dance, I wouldn't go. Or then I would go and I would be well hidden. Sometimes it is a limit that I would have to win this better, but time doesn't spare.

26 E quando alguém te pergunta: É escola de dança ou projeto social? O que você responde?

Ah, independently of being a social project it is a school, né. And at the door of the classroom, the bank is what interests me less. Everything is a school, both for me and for them. Because people learn a lot with these children. When I think like this: mine, I am very limited, this is not giving anything. Ah, my God. Here I go to the classroom, they are so strong, they win so many challenges and have fun like this. I say, ah, I am very mal-humorada (laughs).

27 Quais as histórias mais marcantes? Eu me lembro de uma criança de um bairro de periferia que falava, ah tia não vou vir porque no meu bairro o 'fulano' me paga 50 reais pra eu entregar droga.

It is true. And now I had one where the father 'works' with this. I don't know if I can say 'works' with this. So he will work with the father. He is 11 years old. He was in the institution and, logically, this

menino é nervoso, e ele foi expulso porque teve um dia que ele estava tão nervoso que ele quebrou a sala de informática toda. Mas, ele comigo é uma coisa. Por isso que eu acho que eu não posso me dar ao luxo de desistir, sabe. Esses dias a mãe dele me passou uma mensagem no WhatsApp que ele estava com muita saudade de mim. Então eu estou arrumando uma maneira de fechar esse ano e resolver o problema dele para o ano que vem. Porque comigo ele é normal. Ele não me dá trabalho, fazia minha aula lindo e era esforçado na minha aula, alegre, um sorriso lindo.

28 Onde você acha que a sua arte encontra com a dificuldade deles? O que você acha que modifica neles e modifica em você?

Eu acho que a gente acaba chegando num ponto em que a gente tem uma coisa em comum, que é, isso é que eu gosto neles, nas crianças de maneira geral: elas não têm contas pra pagar, elas não estão preocupadas em te agradecer. Então tem um momento ali na sala que é muito verdadeiro. A gente ama o que a gente está fazendo. Eles estão ali eles amam o balé. É tão bonito isso. E eles são tolhidos em casa, às vezes pelos colegas, pelos amigos, mas aquele momento ali, nossa é muito bonito. E eu acho que é isso que tá além da nossa fala, sabe, essa chama que tem assim, neles e que eu acho que eu tenho um pouco.

29 Você acha que eles te renovam?

Ah! Com certeza, demais dá conta. Porque eu penso neles, a gente acaba tendo muita cumplicidade, né.

30 E como é a Guiomar na sala. Imagino que às vezes você quer dar colo, mas tem que corrigir. Como é?

Ah, eu não tenho regra nenhuma. E assim, eu não tenho, eu não sei o que acontece, eu nunca tive problema de disciplina. Por exemplo, eu viajo e alguém me substitui lá, na instituição. E a pessoa diz: Como você consegue dar aula pra esses meninos? Eu não sei. Eu entro na sala e combino com eles. E agora eu tenho uma combinação com eles que é a seguinte: eu só corrijo duas vezes, na terceira vez vai dar licença porque eu não sou obrigada a corrigir três vezes (risos). Eu combino com eles e a gente tem uma relação boa.

31 Já teve algum momento de você ter que ajudar a criança com problema em casa? Porque são muitas histórias tristes, você já teve que ajudar na vida pessoal?

Claro, várias vezes. Até de crianças sendo abusadas. Eu acho que a que mais me marcou foi uma criança que eu dava aula e, no centro, quando ia fazer exercícios no centro da sala, e ela tinha um momento em que ela ficava dura. A gente não conseguia nem se empurrasse e tirasse ela do lugar. Ela fica tipo catatônica assim. E aí, sempre acontecendo isso, sempre acontecendo isso e ela não falava. Eu tentava depois da aula e aí que a gente chamou as pessoas do Conselho Tutelar e ela tava sendo abusada sexualmente em casa. A avó, a mãe, todo mudo sabia, assistia e tinham medo de denunciar. Então já teve esses casos de abuso, casos de pai bater demais, da criança estar doente, tossindo e o pai bater mesmo, jogar na parede. Muitos casos assim de violência dentro de casa, né, que é o mais triste.

32 E como são essas crianças?

Normalmente elas são bem nervosas, tensas assim mesmo. Não de falar, mas o corpo. Corpo muito tenso, um corpo que não responde, que não relaxa, que parece que não pode ter prazer, assim, se sentir bem.

33 E nesse ponto você acha que o balé ajuda?

O balé ou outra coisa que te leve pra outro lugar, pra uma outra realidade e que nessa outra realidade você possa ser o que você quiser. O trabalho no balé é muito árduo, muito duro, né.

34 O que é o Vórtice, o que era quando ele nasceu e o que ele é agora?

Eu comecei o Vórtice com um grupo, né, de alunas que queriam fazer aula ter uma melhor técnica para os espetáculos para as performances e foi daí que aos poucos eu fui construindo um método que aos poucos eu acho que, claro que eu uso o método Russo de balé, mas dentro do método Russo eu fui construindo coisas ajudam também nesse trabalho, a ter uma resposta melhor, às vezes até mais rápida. Mais específica para o nosso tipo físico. E eu acho que esta história de carreira internacional ela está mais intrincada com o projeto tem poucos anos que essas coisas se abriram pra gente. Antigamente um bailarino sair do Brasil pra dançar no exterior era muito difícil, muito rara de acontecer. Depois com as competições internacionais que o Brasil começou a participar e que tinha os diretores dessas escolas é que isso foi se abrindo pra nós. Então é uma coisa recente.

35 E o Vórtice você pensa em continuar? Paralelo ao projeto Pé de Moleque o Vórtice também continua?

Sim. É porque eu acho que independente da classe social tem as pessoas que querem aprender essa linguagem da arte e do balé.

36 E a Guiomar, quem é, como chegou aqui?

Eu sempre gostei de dançar. Eu nasci em uma cidade muito pequenininha no interior de Goiás chamada Itapirapuã, que é perto da cidade de Goiás Velho e a família da minha mãe é toda goiana e meu pai morava nessa cidade também. Depois que a gente veio pra Minas e eu morei em uma cidade chamada Lagoa Formosa, perto de Patos de Minas e depois em Patos veio uma professora de Belo Horizonte e eu comecei a estudar com ela. Ela estudava em BH com o professor Joaquim Ribeiro e depois eu fui estudar com ele em Belo Horizonte. Eu parei de dançar cedo. Eu tive um problema no joelho que é um problema assim, de toda a família, de desvio de rótula e na época que eu parei lógico que tinha cirurgia pra isso, mas eu sempre fui muito medrosa. E hoje você fala em cirurgia no joelho é uma coisa banal, coisa simples, meu marido mesmo já fez cirurgia no joelho e normal, continua fazendo atividade física, mas na época era algo assim pouco falado e eu realmente sou medrosa. E a maneira que eu achei de continuar nesse universo do balé era começar a dar aula, começar a me preparar. Eu sempre gostei de dar aula porque eu acho que sempre gostei de mandar, né (risos). Eu fiz psicologia na UFMG, mas a parte que eu mais gosto mesmo é essa parte da educação, de você Edo balé, que seja através de outro segmento artístico, mas eu gosto disso, de pensar que isso contribui na formação das pessoas, mesmo que seja um pouquinho. E depois eu tive a oportunidade de ir para a Rússia fazer curso de aperfeiçoamento técnico porque era meu grande sonho mesmo, de conhecer as escolas Russas assim por dentro, ver como funciona, como é o cotidiano de um aluno o que eles estudam. Acho que foi do jeito que tinha que ser mesmo, eu acho que eu me encontrei nessa profissão de professora eu gosto disso assim. Eu vivi muitos anos angustiada com isso porque na verdade eu tenho estágio na UFMG eu sempre fui boa aluna e eu fui muito e ainda sou um pouco, apaixonada pela psicanálise. Então tinha grupos de estudo, fiz análise muitos anos e a psicanálise é a minha segunda paixão mesmo. Eu vivi muitos anos angustiada até aceitar que, não, eu vou ter uma profissão mais periférica do que a psicologia. Porque a arte no Brasil é uma profissão periférica.

Eu falo para os meus alunos assim: a coisa mais preciosa que temos hoje é o tempo e é isso que eu tenho pra dar pra vocês, meu tempo.

37 E você sempre teve apoio?

Às vezes é difícil para as pessoas entenderem, mas eu sempre tive apoio na minha casa. Porque eles também acabam conhecendo as pessoas, tendo também carinho por essas pessoas. E eu tenho duas filhas e elas duas foram pra esse segmento artístico assim. Elas estudaram profissões normais assim, mas acabaram optando pela arte. Então fica mais fácil entender. Os meus dois genros também são artistas e meu marido é engenheiro, mas ele é uma pessoa sensível sempre foi muito ligado a essa área da música e sempre foi uma pessoa muito independente também eu acho que isso me ajudou muito também porque na verdade acho que sou um pouco ausente em casa.

38 E você lida com os diretores das maiores escolas do Brasil e também das maiores escolas do mundo. Como você acha que as pessoas te veem?

Não faço ideia (risos). Porque os diretores que eu convivo das grandes escolas do Brasil, que são pessoas que eu admiro muito, são meus amigos, minhas amigas. Então não sei como eles me veem. Eles me tratam com muito carinho como eu os trato também com muito carinho, né. E das escolas internacionais é um relacionamento assim mais profissional.

39 Imagino que seja um relacionamento também de muita confiança porque você prepara pérolas.

Eu tive essa sorte. Essas pessoas talentosas que passaram pelas minhas mãos, que elas tiveram força pra ir até o fim, né. E quando elas chegam nessas escolas elas acabam se destacando pela força que elas têm pelo talento que elas têm.

APÊNDICE B – Roteiro de edição e transcrição dos depoimentos dos bailarinos, pais e da Guiomar

Thiago Vinícius da Silva, que está na **Princesse Grace Academie**, em Mônaco.

Eu sou Thiago, tenho 16 anos e nasci mesmo aqui em Uberlândia. E eu faço balé tem mais ou menos três anos, dois anos e meio que foi através da Guiomar, ela estava na Casa do Menor Nova Canaã//

Sobe som ou efeito

Eu participei de dois concursos aqui no Brasil e logo depois eu consegui a vaga pra Nova Iorque// COLA// Nova Iorque foi onde minha mente abriu assim pro mundo do balé. Onde eu falei isso que eu quero pro meu futuro agora. Que foi onde eu pude ver vários bailarinos assim, dando o máximo na aula. Aí eu descobri que é isso mesmo que eu quero pro meu futuro agora.

Lá a gente tem as aulas avaliativas e a gente dança uma variação no final da semana. E eu fui fazer essas minhas aulas avaliativas e o diretor da escola de Mônaco me viu. E ele se interessou por mim. Aí depois quando eu tive a oportunidade de dançar a variação ele entregou a bolsa falou que queria eu na escola dele e conversou comigo conversou com a Guiomar pra ver se a gente aceitava mesmo essa proposta e a gente aceitou.

Sobe som ou efeito - imagens da Escola em Mônaco

Eu vou ficar três anos lá em Mônaco pra mim formar na minha graduação e depois de lá se eu tiver alguma oportunidade de ir para uma companhia maior assim tipo companhia e não escola eu vou pra companhia.

Sobe som ou efeito

Antes eu pensava em ser jogador de futebol como todo brasileiro pensa né, mas aí depois o balé surgiu e eu vi que a minha profissão vai ser o balé.

Lettering – O PROJETO PÉ DE MOLEQUE

O projeto foi muito importante porque do projeto eu pude ver muitas coisas assim não só no balé, mas o meu comportamento mudou muito em casa, tipo assim, antes eu era muito grosso assim com a minha família. E agora, tipo assim, eu sou mais educado com minha família, tenho mais paciência. Antes eu não tinha paciência assim o balé mudou muito isso na minha vida.// COLA // Acho que se não fosse projeto Pé de Moleque eu não ia ter essa mente que eu tenho hoje em dia.//

Lettering - GUIOMAR BOAVENTURA

Ela é tipo a minha segunda mãe. Ela mostra mais que isso, que não é só mais uma profissão, o que você sente pela dança. Quando você dança você está transmitindo alguma coisa e quer que público sinto a mesma coisa que você está sentindo então é uma coisa muito diferente//

Lettering – AOS JOVENS

Que eles não podem parar de sonhar que se eles desejam um futuro eles têm que correr atrás o máximo, não importa o que aconteça. Se eles querem isso para o futuro eles tem que correr atrás e lutar pelo que eles querem.

Sobe som final

Daniel Robert, que atua no **Ballet Nacional da Holanda**, em Amsterdã.

Eu estava numa instituição e pra eu continuar nela tinha que praticar duas atividades entre elas estava balé. Então foi meio que forçado o meu primeiro contato com balé//

Eu sofri bastante bullying quando era criança é afeminada muito afeminada aos 10 anos de idade. E eu sabia que se eu fizesse balé eu sofreria ainda mais. E na posição que eu estava no balé eu fui meio que obrigado a fazer// COLA// E depois eu fui amolecendo, as pessoas começaram a me notar a me olhar de uma maneira diferente e a me elogiar, que era algo que eu não estava acostumado então eu comecei a receber essa atenção positiva que é bom né, se sentir assim querido elogiado//... e uma bolsa dada para participar do Projeto Pé de Moleque foi oferecida. E daí eu comecei um trabalho sério. E logo após esse trabalho, seis meses eu acredito, fiz a minha primeira competição//

Sobe som ou efeito

A partir do meu começo profissional assim estudando sério adiante foram vários anos de várias competições aqui e fora do país, várias competições. E em 2012 eu tive a oportunidade de participar de um festival na Suíça chamado Prix de Lousanne. E lá me foi ofereceram uma bolsa para participar integralmente da Escola Nacional do Canadá// COLA CLIPE 2 // Os meus três anos de estudos lá no Canadá foram difíceis porque eu tive que lidar com a mudança de clima, que é muito grande do Brasil, na questão da cultura também, de não falar a língua. Porque quando eu fui pro Canadá eu não falava nada de inglês. Eu não tive a sorte de ter um brasileiro na escola eu fui único. Então foram três anos de muita adaptação de muitos estudos de muitos trabalhos com professores e depois dos três anos que me levou até a minha formação tanto na escola como no balé eu fui premiado, vamos dizer com dois trabalhos, logo. Uma no Canadá e uma na Holanda em Amsterdã, onde estou atualmente.

Sobe som ou efeito

Se não fosse o Projeto Pé de Moleque não estaria aqui hoje. Eu não teria essa primeira introdução ao balé né, à arte. E eu acredito que a arte transformou minha vida em todos os sentidos não só o balé, mas a arte em si. Através do balé eu tive contato com outras várias formas de arte. E o projeto Pé de Moleque me proporcionou isso. Então hoje, pensando exatamente como eu penso e ser capaz de me comunicar e não só em português, mas em outras línguas, foi através do Projeto. Se o Projeto não tivesse acontecido na minha vida eu realmente não sei como eu estaria.

Lettering - PRECONCEITO

Bom, o fato de eu ser um bailarino negro é evidente e desde o começo eu tive a sorte de ter uma professora que me alertou desde o começo. Que sempre colocou na minha frente você é um bailarino negro, pra você vai ser tudo mais difícil e já que vai ser tudo mais difícil vamos trabalhar com mais determinação, vamos dar o sangue porque pra você conseguir vai ser muito mais difícil. Então a minha é a probabilidade é essa e sim eu sofri bastante preconceito no começo mesmo aqui no Brasil até pelos trejeitos pelo fato de ser negro e ter a oportunidade de trabalhar com coreógrafos que até fizeram comentários bem racistas, por exemplo você é um kinder ovo preto por fora e branco por dentro. Sabe, situações como essa que hoje quando eu paro pra pensar ainda bem que eu não tinha entendimento naquela época né porque situações como essas que eu passei por inúmeras vezes em que não me balançar o não me tirar o foco e é um trabalho de todo dia com muita determinação//

Lettering – O PRÍNCIPE

E eu penso que eu sou um príncipe sim e eu estou trabalhando isso e até hoje o meu modo de trabalhar tão duro se entregando todo dia e diante do professor ou um coreógrafo pra mim ver a questão da minha pele é a última coisa que passa pela cabeça deles, porque o meu talento é muito maior do que a cor da minha pele. E o meu trabalho e a minha determinação no meu trabalho é muito maior ainda//

Lettering – GUIOMAR BOAVENTURA

A Guiomar é um anjo. Eu acredito que na Terra tem tudo, tem o céu e tem o inferno. Então nós vivemos os dois mundos, então ela é um anjo na minha vida, simplesmente um anjo. Sem ela eu realmente não sei. Não sei como seria. Ela é a prova de que o anjo existe.

Sobe som ou efeito

Todas as crianças que passam pelo Projeto pé de Moleque, muitas delas não conseguem ter um resultado como meu ou como de outros bailarinos do projeto, mas a força do projeto é muito maior que isso. O projeto de transformar vidas e eu acho que quando a pessoa tem o contato com a arte ela nunca mais será a mesma, entendeu. Acho que o Projeto está formando grandes seres humanos, pessoas sensíveis, pessoas capazes de pensar e criar um argumento, pessoas com a noção mesmo, sabe de algo maior, de algo melhor. E eu acho que agora no Brasil nós precisamos de pessoas com essa forma de pensamento. É sensacional independentemente do resultado final//

Sobe som final

Depoimentos dos bailarinos que ainda estão em Uberlândia

João Victor Percilio e Victhor Hudson Costa os dois ainda atuando no Vórtice em Uberlândia, mas com grandes perspectivas para 2019, inclusive apresentações em Nova Iorque.

Entrevista intercalando as sonoras e as imagens deles dançando.

Victhor

Eu sou Victhor tenho 17 anos nascido aqui em Uberlândia E danço há nove anos já//

João

O meu nome é João Vitor Percilio e eu tenho 15 anos// COLA// Eu nasci aqui na cidade de Uberlândia// COLA// eu faço balé, já faz três anos que eu comecei com o projeto Pé de Moleque, lá na Instituição da Nova Canaã.

Victhor

Eu fazia parte de uma instituição que era quem estudava de manhã ia pra instituição tarde quem estudava a tarde ia para a instituição de manhã. Ficava lá tipo pra passar o tempo mesmo era tipo uma escola. E lá tinha o balé. Aí o ballet surgiu tipo ah eu não sabia o que era o balé e comecei a zoar os meninos. Mas aí um dia eu parei e pensei, mas o que é o balé? Aí eu peguei e resolvi assistir uma aula e gostei, desde então eu continuei. Aí a Guiomar assistiu à apresentação que teve lá no final do ano e me deu a bolsa para estudar aqui.

Sobe som ou efeito

João

Bom, no começo a gente começa sempre numa seletiva pro projeto Pé de Moleque e a seletiva foi lá na instituição Nova Canaã. Mas, no começo eu não queria muito não, mas eu fui selecionado e agora eu tô aqui.

Victhor

Mudou tudo pra mim assim o balé foi o que mudou mais. Porque se eu não estivesse no balé eu estaria como muitos amigos que eu já tive que se envolveram com droga que hoje já têm filhos assim e o balé me ajudou a sair desse meio// COLA // O balé abriu muito a minha cabeça. Porque se não fosse o balé mesmo assim eu acho que não teria condição de viajar e saber tudo que eu sei hoje// COLA// Muitos amigos meus perguntam há você já foi no teatro? Não. Muitos amigos meus não sabem nem como é o teatro por dentro. Eu, por exemplo, já viajei pra muito lugar assim. Muitos amigos meus se limitam a Uberlândia.

Sobe som ou efeito

João

Assim a importância pra mim do Projeto pé de Moleque é, acho que acho que até eu não desandaria da vida, mas foi uma oportunidade que surgiu muito grande pra mim que eu nem percebi nem sabia que eu tinha esse talento para dança, então foi uma surpresa grande na minha vida// COLA// Mudou tudo na minha vida e mudou minha disciplina minha educação e as notas na escola melhoraram eu virei basicamente outra pessoa//

Victhor

Eu sempre gostei de engenharia sempre pensei em ser engenheiro, mas depois do balé pensei em ser professor de balé mesmo// COLA// Desde o início assim quando soube que o balé poderia ser uma profissão que eu já vi como uma profissão pra mim.

João

Não só como profissão, mas assim é, acaba fazendo parte da vida né. Hoje eu vejo o balé como não só uma profissão, não só como um tipo de dança que eu pratico, mas sim como é, pode até ser um exemplo né que a gente pode até dar pras pessoas e na verdade que mudou muita coisa na minha

vida//COLA// Eu pretendo seguir carreira profissional e internacional de bailarino e meu sonho é sair voando.

Victhor

O projeto Pé de Moleque, assim ele me incentiva a incentivar outras pessoas porque se não fosse o projeto Pé de Moleque eu teria me envolvido com coisa pior// O Pé de Moleque me deu um caminho para vida.

João

Eu acho que na verdade o projeto Pé de Moleque é basicamente isso né, dar uma oportunidade para aqueles que não, não só aqueles que têm talento ou até dinheiro, mas sim aqueles que possam buscar um futuro melhor e uma boa condição de vida.

Lettering – GUIOMAR BOAVENTURA

Victhor

A Guiomar pra mim ela é uma mãezona assim // COLA// É ela é um pouco brava. Ela é bem rígida nas aulas, mas assim tem que ser né porque você não pode mentir para um aluno que está indo bem e está mal aí você vai iludir o aluno. Aí acaba que esse aluno depois criar vício E não consegue corrigir depois.

João

Ela é como se fosse uma mãezona né ela vai colhendo, colhendo, os garotos e quando você vê ela já botou pra frente, tem muita gente já pra fora e parece que ela funciona assim né, parece que ela é uma máquina de, ela mostra pra gente não só que a gente só pode dançar, mas ter uma carreira, ter um futuro ser importante vai servir como os meninos de hoje em dia, os meninos que foram pra fora, serve como exemplo para os meninos foram pra fora.

SOBE SOM FINAL

Roteiro de edição e transcrição dos depoimentos dos pais de alguns dos jovens que nos deram entrevista.

Ana Paula Percilio – mãe do João Victhor Percilio

O João Vitor é, depois que ele começou o balé a vida dele mudou totalmente. Eu tinha muito problema com ele na escola, eu sempre tive muito problema nessa parte da escola e depois que ele começou o projeto da Nova Canaã e tal ele teve dificuldade no início//...E aí ele começou a fazer as aulas e tal, mas aí tava interessado também na capoeira, mas aí ele queria intercalar só que não tinha jeito né. E aí ele começou a fazer balé, mas depois ele parou balé por causa das conversinhas dos colegas, piadinhas. Ele sempre foi muito sistemático e aí ele se fecha ele não fala. E aí ele saiu.

Fernanda Maria Silva – mãe do Thiago Vinicius da Silva

Ele fez um teste futebol no Praia então foi uns 10 jogadores e ele não passou. Chegou chorando em casa, falou mãe eu não passei. Eu falei não filho não preocupa não porque Deus tem algo melhor pra você. Eu falei bem assim. E foi verdade e nesse teste ele fez o teste pro balé e passou.

Wellington Costa – Pai do Victhor Hudson Costa

Foi através de um projeto Pé de Moleque no bairro que teve que apresentar aqui. A Guiomar viu as apresentações dele e colocou no projeto// COLA// ... não foi a gente que se forçou ele a participar do balé ele mesmo na hora que ele viu que era uma, tipo assim, uma chance que ele teve ele pegou firme mesmo e foi. E a gente não tem preconceito nenhum porque né é uma coisa que ele quiser pegar e a gente sempre apoia ele.

Fernanda

A primeira coisa que eu falei pra ele foi isso, filho a mãe te apoia, mamãe te apoia, mas as pessoas de fora vão julgar porque homem tem que jogar bola não tem fazer balé. Mas ele falou, mãe eu não importo porque é meu sonho//

Ana Paula

Aí eu conversei com ele: meu filho quando a gente quer fazer alguma coisa, a gente tem que lutar por isso. E se a vontade sua for fazer o balé, você vai fazer porque principalmente o apoio da família você tem. Você pode ter certeza, então se for vontade sua de fazer segue em frente sabe. A gente tem que correr atrás do sonho da gente então se é a sua vontade então você segue em frente deixa falar e não tem que dar assunto desse tipo de conversa. E até hoje.

Sobe som

Fernanda

A gente não conhecia balé quando a gente foi na primeira apresentação do Tiago foi uma emoção tão grande, uma emoção tão grande que eu não sei contar. É o pai dele falou assim não é como eu pensava. Homem também dança ballet. Isso pra mim foi muito importante ouvir né e pra ele também. Então assim tirou aquela maneira de pensar, aquela forma de pensar que um homem também é bailarino. Homem também pode ser bailarino.

Wellington

Foi diferente né porque é muita gente, os aplausos, assim, deixa a gente muito emocionado quando aplaudem ele saber que ele apresenta bem é bom demais.

Ana Paula

A gente grita muito todas as apresentações a gente vai. Se tem apresentação tal, hoje então ninguém faz nada. A família sempre está junto sempre, sempre está junto. E a gente grita mais que todo mundo. A gente fica quieta enquanto todo mundo apresenta e quando entra ele a gente grita, grita ele até manda beijo. A gente sempre incentivou. Eu acho que isso é muito importante pra ele. Saber que ele está ali no palco e a família está ali presenciando aquilo ali apoiando ele independente de onde esteja.

Sobe som

Fernanda

Primeiramente ele perdeu 13 quilos né, que era bem gordinho. Segundo que ele mudou ele ficou mais dedicado, mais sério, ter mais postura e assim de criança foi pra adulto. Foi muito rápido. Eu amei a mudança dele// COLA// Até ele chegar na casa da minha família, da família do meu esposo é totalmente diferente. Porque é o comportamento dele mudou e agora o tanto de lugares que ele conhece né. Então agora ele é diferente. A forma da pessoa receber ele é diferente.

Wellington

Mudou bastante, um rapaz muito mais focado no balé mesmo. Educação, postura também bem mudado mesmo. Tem que apoiar mesmo porque os filhos no caso não foi a gente que se forçou ele a participar do balé ele mesmo na hora que ele viu que era uma, tipo assim, uma chance que ele teve ele pegou firme mesmo e foi. E a gente não tem preconceito nenhum porque né é uma coisa que ele quiser pegar e a gente sempre apoia ele.

Ana Paula

Disciplina, ele não tinha e depois que ele começou balé a disciplina dele foi 100% em tudo. Em relação ao quesito todo. Casa, escola, na aula do ballet, nas tarefas de casa dele mudou radicalmente// A responsabilidade que ele tem a disciplina que ele tem, conversar em sala de aula nas viagens sabe, a responsabilidade que ele tem de ir e voltar sozinho. Sempre resolve, quando ele me faz me fala, mãe já resolvi. Então ele tem essa responsabilidade com 15 anos de idade ele tem essa responsabilidade de resolver sem precisar da minha mãe. Eu resolvo sem precisar da minha mãe. Eu só comuniquei à minha mãe, já fiz isso. Isso é muito bom.

Sobe som

Fernanda

A partir do momento que ele começou viajar eu falei agora estou sem meu filho e a profissão dele é a dança é o mundo né.// COLA// Foi muito bom na vida dele porque nós não tem condição de fazer por ele o que o Projeto Pé de moleque fez pra ele. Foi maravilhoso pra nós// COLA// Então quando ele falou mãe eu passei em Nova Iorque, ganhar bolsa 100% eu falei como que é a vida né. De um simples teste hoje ele está fora do Brasil e se isso pra mim é muito maravilhoso é muito gratificante// COLA// Ele ficou livre das coisas do mundo. Do mundo que eu falo é assim, é não ter o que fazer, é não ter estudo ficá só na rua jogando bola e a gente vê que tem muitos da idade dele que não quer estudar. Então projeto Pé de Moleque vem na vida dele pra mostrar pra ele que lá na frente tem um futuro melhor.

Wellington

Hoje em dia já está levando uma profissão. Ele já está bem focado mesmo.// COLA// Ele até que ele ficou bem emocionado quando ele recebeu a notícia que recebeu uma bolsa pra ir pro Estados Unidos aí a gente também fica né, porque a gente apoia bastante.// COLA// Igual quando ele chegar em casa depois que ele faz as aulas a gente conversa um pouco a gente sempre apoiando.

Ana Paula

Ele, ele sempre tem aquela coisa de menino. A minha menina mãe tinha uma coisa de ser arquiteta primeiro. Sempre falava depois resolveu. O João Victor queria ser pedreiro aí ela falava assim João e ele assim muito novinho não é pedreiro é Serviços Gerais eu falei não é também Serviços Gerais ele quer ser é um construtor civil. E ele: não quero ser pedreiro não quero ser construtor civil, então sempre tinha essa conversa com eles. E às vezes eu paro e fico pensando assim, gente aonde que esse menino está hoje, não tem nada haver daquelas conversas de menino que queria ser isso queria ser aquilo. Acho que o destino a gente tem que seguir, seja o que Deus quiser.

Sobe Som

Fernanda

O Thiago ele abriu a mente de muitos ele abre a mente de muitos. Ele fala assim olha no espelho, olha e fala você vai conseguir. Isso foi uma coisa assim que eu gravei na minha mente ele falou pra mim através dele ele falava mãe eu vou olhar no espelho eu vou conseguir.// Pra mim significa é oportunidade a palavra-chave né// Oportunidade de você ser um alguém, reconhecer que somos pobre, negro, o preconceito tem, mais que a gente não pode importar com isso né. Eu falo com meu filho, tampa o ouvido nessa parte aí né e é um sonho. Pé de Moleque tinha que ser não Pé de Moleque, sonho//

Ana Paula

E hoje o que é mais gratificante pra nossa família e eu como mãe, pai e ver aonde o patamar que ele está hoje mas, não vai falar que está, mas a gente vê cada gente vai subindo degrau a mais e ver as pessoas que criticava lá antes, hoje elas elogiam sabe então você não pode criticar ninguém. Você tem que aprender a respeitar. Eu acho que respeitar acima de tudo. Eu sempre falei, João Vitor independente de onde você está você respeita o outro que está atrás de você porque você começou da mesma forma sabe.

Sobe som final

Roteiro de edição e transcrição do depoimento da Guiomar Boaventura

Guiomar Boaventura

Essa ideia de ter esse projeto ela começou quando eu recebi um grupo de meninos lá no Vórtice que vieram de uma instituição aqui de Uberlândia. Eles já trabalhavam com professor de teatro, e ele estava tendo um pouco de dificuldade pra trabalhar com eles e ele me pediu se eu podia ajudar. E aí então eu comecei com esses 10 meninos e 1997//

Alguns desses meninos eles eram bem custosos. E aí sempre que a Instituição queria puni-los era não ir ao balé. Então era isso que acontecia sempre, então o trabalho era sempre interrompido por causa dessas condições ou castigos sei lá que nome se dá a isso. E alguns deles pararam de ir. Um deles que era o mais gostoso de todos, que dava muito trabalho e eu vi alguma coisa diferente nesse menino e não foi a facilidade física. E aí eu fui até a casa desse menino e levei ele lá pra escola e a gente trabalhou até ele se tornar um profissional// **RETIRA MINHA PERGUNTA**// É Welton Lucena.

O projeto Pé de Moleque nunca teve patrocínio, como que ele foi sobrevivendo até hoje eu não sei explicar. A gente vai fazendo e parece que a gente vai sendo empurrado pra isso e esse encontro Humano ele é tão importante na minha vida porque depois que as pessoas, é como um filho, depois que você tem você não imagina sua vida sem.

Em alguns momentos, com algumas instituições a gente conseguiu uniformes, às vezes figurinos, às vezes alguma viagem internacional pra um ou outro, então teve esses momentos que foram muito importantes e que são muito importantes porque ninguém faz nada sozinho. Se em algum momento você não tiver um olhar cúmplice você não tem motivação também pra seguir adiante.

eu já ouvi muitas vezes as pessoas dizerem, ah essas pessoas não têm nada então elas se agarram a isso. Não elas poderiam ser agarrar a qualquer outra coisa e balé é muito difícil, é muito difícil, ele exige muito de todos nós. Então eu não acho que não é a última oportunidade. Eu acho que sim através do ballet eles podem aprender a se comunicar melhor, falar melhorar própria língua, falar outras línguas, ter oportunidade de conhecer outras culturas e muitos desses meninos vão para escolas internacionais e não são bons só no balé, eles são bons na escola regular também. O Daniel Robert recebeu um prêmio no Canadá. Foi o melhor aluno da escola então e aqui no Brasil ele foi alfabetizado

aos 11 anos. Então não é só isso, mas quando eu vejo esses meninos em companhias em grandes escolas, claro que eu me sinto muito realizada com isso da mesma maneira que eu me sinto realizada//

Qualquer arte vai além de si mesma. Eu acho que principalmente a arte da dança esse encontro humano, essa cumplicidade que você tem. Esse doar todo dia, essa coisa que a gente precisa do outro ali. Pra você crescer dentro de uma sala de aula você precisa do seu colega na barra, junto com você, então você aprende muito cedo a dar as mãos.

eu amo demais a minha profissão né e talento também é uma coisa muito rara né, em qualquer segmento artístico. E quando você se depara com um é uma alegria que não dá pra explicar, é uma coisa divina mesmo. Então eu acredito muito nisso eu acho que isso foi colocado nas minhas mãos eu não posso simplesmente virar o rosto pra outro lado e falar ah, tá bom, então ok, você tem um talento e ficar só nisso. Eu me sinto meio que na obrigação de encaminhar de orientar.

Eu acho que a arte no nosso país ela cumpre uma função muito particular. Ela não cumpre uma função só estética, ela salva vidas. Não só a dança, mas qualquer outro segmento artístico. E eu ao longo desses tantos anos que eu tenho trabalhado com crianças e adolescentes eu acredito seriamente que a melhor maneira de educar e transformar é através da arte.

Ah eu acho que o fato de eles comentarem que eu sou brava eles falam que tem que ser assim eu acho que as crianças são muito espertas e elas sabem que quem ama cuida.

APÊNDICE C – Entrevista com ex-bailarinos que seguiram outras profissões

MURILO SILVA

Sou Murilo Silva de Oliveira, tenho 32 anos, nasci em Uberlândia e minha profissão hoje é diretor técnico de espetáculos. Moro hoje em São Paulo, capital. No ano de 2001 eu estudava na escola Municipal Professor Eurico Silva em Uberlândia e na minha sala estudava o Welton Lucena que já era bailarino do projeto Pé de Moleque. Por esse motivo a Guiomar Boaventura escolheu nossa escola para selecionar novos alunos para esse projeto. Mas em nenhum momento eu imaginei que algum dia eu pudesse ser bailarino também. Quando soubemos que teria esse teste, eu fiquei um pouco curioso pra saber como era. E assim, adolescente na escola, o Welton entrava na sala eu sempre pegava muito no pé dele, que ele era bailarino, aqueles preconceitos bobos. Quando foi pra fazer o teste eu fiquei um pouco curioso e chamei os meninos da minha sala. Fui em outras duas salas que eram de meninos que jogavam no mesmo time de futebol e falei com eles pra colocarem os nomes pra fazer esse teste todos juntos. Num primeiro momento foi um pouco de *zoação* porque a praia de todo mundo era futebol. No dia que as professoras falaram sobre esse teste e divulgaram na escola, nesse mesmo dia cheguei em casa e comentei com meu irmão que ia ter esse, mas que eu não faria, que eu coloquei meu nome lá de *zoação*. Até porque eu nunca tinha ido no teatro nunca tinha visto um balé na minha vida. Nessa época meu irmão fazia dança de salão e ele disse que acharia interessante se eu fizesse o teste. Minha mãe também disse que eu deveria fazer e meu pai também. E assim eu tinha muito respeito pelo meu pai e ele falou que a gente não deve jogar nenhuma oportunidade que a gente tem na vida fora. Aí eu falei, não pai, com certeza eu vou fazer. E foi essa a conversa dentro de casa. Então por influência do meu pai, por eu e meu irmão termos um respeito muito grande por ele, logo confirmei que ia fazer. O teste aconteceria no sábado, no fim de semana. E a gente tinha combinado de encontrar num ponto de ônibus que todos iam junto com o Welton porque a gente não sabia onde ficava a escola. Nesse dia eu acordei já atrasado, meio que já fazendo corpo mole pra não ir e meu pai me acordou, fui pro ponto de ônibus e esqueci a autorização de propósito em casa que eu não queria ir, mas eu esperei todo mundo pegar o ônibus voltei pra casa. Quando cheguei meu pai perguntou o que aconteceu eu disse que havia esquecido o papel, não falei que tinha sido de propósito, aí meu pai falou, não tem problema, você não vai perder esse teste. Me colocou dentro do carro e me levou na porta da escola.

Tinha muitas, muitas crianças fazendo esse teste. E no próximo sábado sairia o resultado durante um espetáculo do Vórtice e no terceiro sábado seria a reunião com os pais. Eu fazia aula com as crianças mais novas. Eu tinha 15 anos e fazia aula com as meninas de 9/10 anos e fui continuando até dezembro de 2009, quando decidi dar o próximo passo, que seria me profissionalizar na dança. Fui para a Companhia Brasileira de Balé no Rio de Janeiro. Gostava muito de dançar, era minha vida, me dediquei muito a isso. Pensava 24 horas em balé e dancei por 13 anos. E sempre gostei, desde quando dançava, de ver os técnicos trabalhando dentro do teatro e por curiosidade fui aprendendo essas coisas. Dançava e fazia um pouco da parte de produção técnica. Até que num ensaio na Companhia Brasileira de Balé no Rio fui fazer um salto e machuquei o joelho. Rompi o ligamento cruzado anterior e na época não quis fazer cirurgia porque eu já estava um pouco decidido a parar de dançar e partir pra essa área de produção.

A vida que eu tenho hoje eu sou totalmente grato ao projeto, a influência foi muito grande. Tudo o que eu sou hoje, onde eu estou, a profissão que eu tenho tudo que eu conquistei até hoje foi através do projeto, porque eu não conhecia esse mundo e hoje tô aqui por ter feito parte do projeto Pé de Moleque. Minha família inteira passou a conhecer o balé, passou a conhecer uma cultura que a gente não tinha acesso. Tive primas que depois de um tempo eu levei e também fizeram parte do projeto Pé de Moleque. Minha família é muito agradecida e tem muito orgulho disso tudo.

Acredito que a principal lição que eu aprendi nesse projeto é que a arte ela transforma, que a gente pode chegar mais longe através da arte. Acho que muda mesmo o ser humano, acho que de um modo geral o caráter, o modo de agir, o tratamento com as pessoas. Esse projeto na minha vida e na vida de muitos foi um divisor de águas que talvez seja a coisa mais importante que tenha acontecido.

Acho que agora chegou a pergunta mais difícil, o que a Guiomar significa na minha vida. A Guiomar foi a figura central disso tudo e é até difícil falar dela. A Guiomar foi uma mãe, literalmente. Ela foi uma mãe no sentido de cobrar, de exigir, até também no sentido de incentivar, de acolher. Foi

uma mãezona mesmo. Tudo que eu tenho hoje, tudo que eu sou hoje devo à Guiomar, sou muito, muito grato a ela e sempre que a encontro agradeço. Acho que ela é a peça chave de tudo isso. Acho ela uma mulher muito guerreira de fazer o que ela faz, nas condições que ela faz e ela não mede esforços pra ajudar quem chega ali. Ela me abriu os olhos pra tudo, pro mundo. A Guiomar me apresentou coisas que eu jamais imaginei que um dia fosse conhecer ou que eu fosse conquistar na minha vida. Acredito que projetos como o projeto Pé de Moleque são muito importantes por dar oportunidades e oferecer coisas que normalmente não são comuns. Então acho muito válidos projetos como esse para dar oportunidade e abrir novos horizontes para as crianças.

POLLYANA DE ULHÔA

Me chamo Pollyanna de Ulhôa Santos, nasci em Goiânia e tenho 29 anos. Me mudei para Uberlândia aos 10 anos de idade. Me mudei para Palmas há 9 anos, onde moro até hoje. Hoje sou formada em Odontologia, especialista em saúde coletiva, da família e estou há um passo de qualificar e defender meu Mestrado em Odontopediatria.

Quando morava em Uberlândia, no ano de 2001, estudava na Escola Municipal Eurico Silva e fiquei sabendo que teria uma seletiva através de um projeto para entrarmos em uma escola de balé. A princípio não fiquei muito empolgada, porque nunca tinha pensado em fazer balé. Eu fazia natação naquela época. Mas essa seletiva ficou tão falada na escola que decidi participar também. Se não me engano foram 42 aprovados. Quando começaram a falar os nomes e eu não ouvi o meu, já comecei a sair do teatro. Quando de repente o 40º nome foi o meu. Comecei a ir para as aulas e fui tomando gosto. Embora não achasse que eu levava muito jeito, aquele ambiente me fazia muito bem. As músicas, as pessoas. Diziam que eu tinha um pé muito bonito que se assemelhava ao de uma grande bailarina chamada Cecília Kerche, mas era só também. Em pouco tempo que eu estava no Vórtice. Fui convidada pela tia Gui para ajudar uma outra professora a dar aulas para as turmas de *Baby Class*, o que me deixou muito empolgada. E aí o que eu mais gostava era de dar aulas. Porém sempre tive a consciência de que para ensinar era preciso aprender. Então permanecia fazendo aulas para continuar dando aulas. Paralelo a esse tempo no Vórtice terminei os estudos, iniciei a faculdade de jornalismo, porém não dei continuidade por problemas financeiros. Logo depois me mudei para Palmas.

Quando estava no Vórtice, o projeto Pé de Moleque ganhou grande proporção e aconteceu uma parceria com o Lar, não me lembro ao certo quantos "Lares" haviam em Uberlândia, mas eu dava aulas no bairro São Jorge e duas vezes na semana ajudava um amigo, no Lar do Planalto. Eu sempre gostei muito de dar aulas no Lar, porque lá, encontrávamos crianças com um poder aquisitivo não tão elevado e que sonhavam alto com cada música clássica que era colocada durante as aulas. O dia que os uniformes chegaram (collant, sapatilha...), foi a coisa mais linda de se ver. Sei que ali no Lar, era muito mais do que aulas de balé, eram crianças que queriam ser notadas, que queriam atenção que muitas vezes não tinham em casa. A maioria delas me chamava de tia, mas tinha aquelas que me chamavam de "mãe" e isso sempre foi muito forte para mim.

Desde que entrei no Vórtice, via na tia Gui, um exemplo de pessoa a ser seguido, queria ser "igual a ela", queria saber conversar bem em qualquer ambiente, queria ser rígida com leveza para ver as coisas acontecendo, queria viajar para todo lado e principalmente, queria ajudar pessoas a terem acesso à cultura, fugindo um pouco da realidade sofrida que muitas vezes elas se encontravam. Com o passar do tempo foi ficando forte no meu coração o desejo de ser professora, de ensinar, não necessariamente balé, mas de fazer parte da vida das pessoas de alguma forma, participar da formação de pessoas. Pelo balé tive essa oportunidade através da tia Gui, que viu em mim algo que eu ainda não sei o que foi, mas que sou e serei eternamente grata. Quando ainda estava no ballet, entrei na faculdade de jornalismo. Gostava muito do curso, mas chegou um momento que eu não podia mais pagar. Nesse tempo não tinha mais as aulas do Lar e eu não tinha mais turmas pra dar aulas, mas a tia Gui me deu um emprego no Vórtice. O salário que recebia lá ajudava não só a mim, mas também a minha família. Meu pai ficou um período desempregado e as coisas ficaram bem difíceis. Um tempo depois meus pais e irmãs se mudaram para Palmas e eu fiquei ainda um ano morando em Uberlândia

sem eles. Em janeiro de 2010 me mudei para Palmas e minha mãe sugeriu que eu fizesse vestibular de odontologia. Fiz sem pretensão fui aprovada e comecei a fazer a faculdade de odontologia.

Me apaixonei totalmente pela odontologia e desde os períodos iniciais, as matérias que mais me atraíam eram odontologia social, odontologia coletiva, saúde pública e odontopediatria. No decorrer do curso, fiquei como monitora de algumas dessas matérias. Me formei em uma sexta-feira e na segunda-feira seguinte consegui emprego numa clínica particular. Na mesma semana minha coordenadora de curso falou sobre uma prova de residência em saúde pública e eu pensei: é isso! Conclusão, não trabalhei nem 15 dias na clínica particular. Passei no processo seletivo da residência e fiquei durante dois anos vivendo o SUS. O sonho de ser professora, formadora, permanecia. Passados os dois anos da residência recebi o convite da prefeitura de Palmas para continuar atuando na saúde pública daqui como bolsista, continuei. Nesse tempo eu fazia estágios em comunidade e atuava em uma quadra bastante carente aqui da cidade. Em julho de 2016 a prefeitura implantou uma equipe chamada Consultório na rua na cidade e fui chamada a compor essa equipe. Me tornei então dentista e coordenadora da equipe. Essa equipe é uma equipe de atenção básica que tem em todo país. Ela existe para garantir que as pessoas em situação de rua tenham acesso aos serviços de saúde. Diferente das equipes que ficam nas unidades de saúde nós vamos para a rua fazer atendimentos em praças, feiras, terrenos vagos, assentamentos, invasões, enfim, onde quer que haja pessoas em situação de rua nós vamos para levar o mínimo de dignidade. O que vai totalmente de encontro com o que foi feito comigo através da tia Gui, do Vórtice e de cada uma das pessoas da Escola, pelo projeto Pé de Moleque.

Talvez se não fosse pelo projeto, eu não teria tido acesso à cultura, eu não teria os sonhos que tenho hoje. Eu poderia estar em muitos outros lugares, mas o que escolhi e o que escolho diariamente é lutar pelas pessoas. Lutar para que tudo aquilo que está na Constituição, de todas as pessoas terem acesso a saúde, alimentação, moradia, cultura, lazer, para que isso de fato aconteça. Além de atuar como coordenadora e dentista da equipe, sou também preceptora. Recebo os residentes e acadêmicos de diversos cursos dentro da equipe de consultório na rua. O sonho da formação, de fazer parte da formação de pessoas, continua firme. E para seguir minha vida acadêmica entrei no mestrado e estou quase encerrando. Quero dar aulas na área de odontologia, em especial na área de saúde pública.

Eu ainda não tinha parado para pensar sobre o que exatamente a tia Gui significa em minha vida, embora me lembre dela com muita frequência e sempre a tive como um exemplo a ser seguido. Mas agora, fazendo essa reflexão e me lembrando de quando há uns anos atrás eu queria ser como ela, posso dizer que não necessariamente eu seja igual a ela, mas estou com ela na missão de fazer do mundo um lugar melhor. Cada uma com sua arte. E nós duas na arte mais linda que pode ter, a de tocar a vida das pessoas e querer e lutar para que sonhos sejam realizados. Ela é parte da minha vida, da minha história, ela é uma das grandes responsáveis por eu ser quem sou hoje. Eu não tenho palavras suficientes que expressem minha gratidão à tia Gui.

Quando algumas coisas não acontecem no nosso país, seja pela demora em processos, seja pela falta de verba, precisamos nos movimentar para que as coisas aconteçam. E projetos como o Pé de Moleque existem para que não falte o acesso à cultura, independentemente da classe social. A tia Gui, teve a sensibilidade de notar que faltava algo para as crianças e adolescentes da nossa cidade e teve a ousadia que conseguir mudar essa história.

APÊNDICE D – Print de algumas telas do Webdocumentário

